

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SILVA, Luis Gustavo Cardoso da. Luis Gustavo Cardoso da Silva (depoimento, 2010). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 47min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Luis Gustavo Cardoso da Silva  
(depoimento, 2010)**

Rio de Janeiro

2020

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Antônio Oswaldo Cruz; Bernardo Buarque de Hollanda; Rosana da Câmara Teixeira;

**Técnico de gravação:** Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

**Local:** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

**Data:** 30/07/2010

**Duração:** 1h 47min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto pessoal do pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda intitulado "Torcidas organizadas: criando fontes", que tem como objetivo constituir um banco de entrevistas de história oral acerca das torcidas organizadas nos âmbitos nacional e internacional.

**Temas:** Atividade profissional; Club de Regatas Vasco da Gama; Clube de Regatas do Flamengo ; Esportes; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Eventos e comemorações esportivas; Família; Fluminense Football Club; Formação escolar; Imprensa; Polícia; Rio de Janeiro (cidade); Rio Grande do Sul; Torcidas de futebol; Violência;

## *Sumário*

Entrevista: 30.07.2010

Origens familiares; a formação escolar; a relação com o futebol; o interesse pelo Botafogo; a primeira partida de futebol assistida no Maracanã; a relação da família com o futebol; a adolescência em Inhaúma; as experiências nos baile funks; a mobilização da torcida do Botafogo após a conquista do Campeonato Carioca em 1989; a integração do público dos baile funks com as torcidas organizadas; a participação na torcida organizada do Botafogo na década de 1990; a dissidência da Torcida Jovem do Botafogo (TJB) e o surgimento da Fúria Jovem Botafogo (FJB); os relatos sobre a história da torcida do Botafogo; a atuação do Russão na torcida do Botafogo; os motivos da dissidência da TJB; a relação com os esquadrões da TJB; a locomoção da torcida do Botafogo; o percurso entre Inhaúma e Botafogo; a rivalidade com a torcida do Flamengo; as brigas dentro e fora do estádio entre torcidas; a questão da organização de uma infraestrutura administrativa para as torcidas; a gestão de Paulo Roberto de Freitas (Bebeto) na FJB; a questão da venda de materiais do Botafogo; a representação política na torcida; o processo de organização da FJB; o conflito com a TJB no processo de dissidência; a filosofia da FJB em contraposição a TJB; a questão da venda e revenda de ingressos; a lógica da não cobrança de mensalidade aos associados do clube; as despesas das festas do clube; a estrutura da direção da Fúria; os símbolos da torcida; a diferenciação das torcidas nas arquibancadas; a quantidade de associados a FJB; a trajetória do entrevistado até a presidência da FJB; o papel dos conselheiros na gestão da FJB; a conciliação do trabalho com outras atividades; a dinâmica das viagens e da torcida; as culturas de cada torcida de diferentes Estados do Brasil; opiniões sobre as torcidas do Rio Grande do Sul; o surgimento de novas torcidas no Rio de Janeiro; a caracterização da Loucos pelo Botafogo como torcida; as músicas cantadas pela torcida; a torcida da Loucos pelo Botafogo; a tendência de divisão das torcidas de um mesmo time; a relação entre as lideranças de distintas torcidas; a criação da Federação das Torcidas; opiniões sobre o Estatuto do Torcedor; a questão do cadastramento do torcedor; a aliança formada entre a Fúria e a Gaviões da Fiel; as alianças com times de outros estados; a relação com a torcida do Atlético Mineiro; a aliança com a torcida vascaína; a traição da Torcida Jovem Santos; as estratégias da polícia na segurança das torcidas; os jogos mais conflituosos; a periculosidade

dos jogos nas outras regiões do Brasil; a rivalidade dos times cariocas; o papel das lideranças na contenção da violência das torcidas; a criação da Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (Ftorj); a repercussão das ações das torcidas pela imprensa; a relação das torcidas com o Estado e a polícia; percepções sobre a torcida e os estádios do Rio de Janeiro; os símbolos do Botafogo no Engenheiro; a recepção da saída do Maracanã pela torcida; a composição da torcida após a mudança para o Engenheiro; reflexões sobre os incidentes na história da torcida; a questão emocional na torcida; o embate com a torcida do Fluminense e a invasão da sede; a midiaticização dos conflitos de torcidas; opiniões sobre o suposto aumento da violência entre torcidas; o roubo de materiais do adversário pelas torcidas; o patrocínio dos materiais dos times; a renovação das bandeiras; a homenagem às torcidas e aos ídolos nas bandeiras; o contato dos jogadores do Botafogo com a torcida; o status dos jogadores de 1989 para a torcida; memórias sobre o Campeonato Brasileiro de 1995; os diferentes públicos que compõem a torcida; a torcida do Botafogo no Jacarezinho; reflexões sobre o lema do amarelo no movimento da Mancha Negra; a questão dos mosaicos na torcida; os poucos contatos com as torcidas sul-americanas; o jogo entre Botafogo e Estudantes; perspectivas sobre a aposentadoria; os receios em alguns jogos; os canis da torcida em outros Estados; a permissão da criação de materiais pela torcida; a importância no balanço mensal da venda de material.

*Entrevista: 30.07.2010*

Bernardo Buarque – Estamos aqui, junto com o presidente da Fúria Jovem do Botafogo, Luís Gustavo Cardoso da Silva, conhecido na Fúria Jovem do Botafogo como “Noy”, dentro do projeto *Torcidas Organizadas, criando fontes* aqui da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Essa entrevista conta com a presença dos pesquisadores Antônio Oswaldo Cruz Holzmeister – difícil de pronunciar –, Isabela Trindade Menezes da Unirio, Antônio da UFRJ, no momento, doutor pelo Museu Nacional e Rosana da Câmara Teixeira também da UFRJ, professora atualmente da UFF, e está sendo conduzida por Bernardo Buarque. Sexta feira, 30 de julho de 2010.

Bom, esse projeto procura fazer um perfil, retratar as lideranças de torcidas organizadas no Brasil tendo como foco o Rio de Janeiro. A gente quer conhecer um pouco o perfil desse torcedor, quem é o chefe de torcida - normalmente sempre acionado pela imprensa quando ocorre algum problema -, mas no dia a dia, no seu cotidiano pouco falado, pouco conhecido por isso mesmo a gente está aqui para conversar com Luís Gustavo. Então, Luís Gustavo, eu peço que você se apresente, fale um pouco seus dados gerais, local de nascimento, data de nascimento, enfim, com a bola você.

Luís Gustavo – Obrigado aí. Sou Luís Gustavo, vulgo “Noy”, sou presidente hoje da torcida Fúria Jovem do Botafogo, carioca da gema. Nasci em 1973, setembro, virginiano, hoje estou com 36 anos e tenho uma filha linda de 17 anos, que é a Bruna; e eu me sinto hoje um pouco diferente de alguns líderes que tem aí, porque hoje, eu tenho meu trabalho, tenho uma empresa de cosméticos, trabalho com vendas e também concilio a torcida com isso tudo. Estou achando que é uma fase de minha vida, que a gente quando entra na torcida organizada a gente fala que não, hoje a gente é componente, amanhã a gente é monitor, diretor e por aí vai, eu sempre quis; na verdade eu nem queria, foi acontecendo, foi surgindo oportunidade e hoje eu estou lá, em uma fase que daqui a pouco passa, e vem outro, vem outro e por aí vai.

B.B. – Então você nasceu no Rio e foi criado onde?

L.G. - Fui criado no bairro de Guadalupe e Inhaúma e depois vim para Botafogo.

B.B. - Me fala um pouquinho dos seus pais.

L.G. - Meus pais foram bancários muito tempo. Aí depois largaram. Hoje, eles têm uma empresa também no ramo de beleza, então vamos dizer assim, quarenta anos de casados, graças a Deus casamento sólido, tenho um irmão que é da torcida também e uma irmã que só curti, entendeu? É isso aí.

B.B. - E você estudou? Como é que foi a tua formação?

L.G. - Eu estudei, tenho o segundo grau completo, não fiz faculdade. Tenho algumas especialidades que eu tentei fazer na área de importação, porque eu trabalhei muito com importação, na parte aduaneira, comércio exterior, mas não me formei. E aí decidi montar... Fui militar também durante sete anos, teve isso tudo que me segurou um pouco, era sargento do exército, aí saí montei uma empresinha para mim e estou nela até hoje.

B.B. - E sua relação com o futebol, como começou?

L.G. - Olha só, sempre fui muito ligado a esportes, mais esporte de contato, gostava muito de luta, futebol não era o carro chefe. Até porque quando você não tem talento de jogar, você não tem aquilo como carro chefe, a gente aprecia a arte, eu apreciava muito a arte do futebol. Gostava do jogo, sempre apaixonado pelo Botafogo, comecei a curtir jogos na época da torcida jovem do Botafogo e por aí vai. Você começa a sentir o clima da torcida, você se apaixonou por outro lado do futebol que é a torcida, eu vejo que são dois expoentes diferentes ligados em um lugar só; torcida de um lado, futebol do outro, mas todo mundo coligado.

B.B. - Você falou de interesse pelo futebol e pelo Botafogo?

L.G. - Pelo clube assim pelo Botafogo eu comecei a aprender isso, eu tinha interesse, adorava o futebol, estar ali, mas eu via futebol muito de casa. Até que um dia alguém te leva, sente a magia do futebol, você sente a arquibancada, aí você vê que é um mundo totalmente diferente, é outro grupo e a partir dali não parei mais.

Rosana Teixeira – E quem te levou?

L.G. - Quem me levou foi um amigo de infância que botava sempre uma pilha pedia a meus pais, vamos lá, e foi e aí me levou. Aí leva uma vez, duas e depois você já sabe o caminho sozinho, você conhece o maracanã e fui num jogo do Botafogo, o primeiro.

Antonio Cruz - Você lembra quando foi e qual era o jogo?

L.G. – Para ser sincero eu acho que era Botafogo e Vasco até porque era sempre um jogo mais tranquilo, foi um Botafogo e Vasco que eu me lembro até que eu levei meu irmão pela primeira vez em um jogo do Botafogo e Vasco.

A.C. - Você lembra o ano?

L.G. – Não, eu não lembro a data específica, eu não me lembro. Não posso dizer para você a data específica.

B.B. - Então não foi seu pai, que era....

L.G. - Não, meu pai... Vocês vão achar até engraçado.. Meu pai nem é tão fã de futebol. Hoje ele hoje já é por causa de mim. Eu que induzi a família toda a gostar de futebol. Se depender de meus pais, futebol não...

A.C. - Mas eles são botafoguenses?

L.G. - Não. Olha só, meu pai hoje, vamos dizer meu pai hoje virou botafoguense, mas ele era o time que está ganhando. Mas hoje ele tem um convívio bom com o pessoal da torcida, vai aos jogos, vai às decisões, entendeu? Igual ao meu irmão, meu irmão, o adolescente era vascaíno, hoje em dia é botafoguense.

A.C. - Está na militância?

L.G. - É lógico, tem que ser esperto; formador de opinião.

B.B. - Você que trouxe ele então?

L.G. - Tipo assim, o pessoal diz “eu gosto de futebol”, uma porção de gente fala: “ah, eu gosto”. Tipo assim, Flamengo, por exemplo, mas não gosta realmente daquele negócio, não tem o carinho, o amor pelo time, isso aí acontece naturalmente.

B.B. - Essa época que você começou a ir, onde você morava?

L.G. - Eu morava em Inhaúma.

B.B. - Inhaúma, onde você nasceu, cresceu.

L.G. - Foi no começo, foi na minha adolescência, morava em Inhaúma. Só que teve muito aquela época dos bailes, negócio de baile funk também, sempre ligado a um grupo. O adolescente naquela época - hoje não - era mais ligado a um grupo social e expressivo, eu tenho prazer de mostrar que eu tenho algum poder, vamos pensar dessa maneira. Aí tinha a galera do baile que era a mesma galera que ia para o jogo e por aí ia, entendeu? E foi a partir disso aí, hoje eu vejo o funk como era antigamente, a maioria do público é o mesmo público da torcida de hoje. A verdade é essa. O cara que era do baile da galera lá, hoje ele migrou para a torcida. Lógico que tinham aqueles caras que eram só da torcida.

A.C. - Mas o pessoal da galera do funk todo mundo era botafoguense?

L.G. - Não, não, foi aí que começaram as divergências. Muitas torcidas tinham muitas divergências por causa disso, bairrismo. Bairrismo.

B.B. - Então antes de ir ao futebol você frequentava baile funk?



L.G. - Era muito mais vidrado. Porque a gente gostava de brigar, a verdade sempre foi essa. No baile era muito mais fácil brigar do que no maracanã, era mais certo vamos dizer assim, entendeu? Muita gente migrou para a torcida por causa disso.

R.T. - Esse amigo que te levou?

L- Não, nem era torcida organizada.

R.T. – Não era de torcida. Ele era do baile?

L.G. - Nem do baile, ele era amigo da família e botafoguense. Meus tios, na verdade, são botafoguenses fanáticos. O irmão da minha mãe é botafoguense, entendeu? Mas eles também nunca me levaram, foi um amigo da família, porque eles mesmos são botafoguenses, mas não vão ao estádio, entendeu?

B.B. - Você falou não o ano, mas que época mais ou menos isso?

L.G. - Oh, vamos falar... Eu calculo que a primeira vez que eu fui 1987 por aí, mas de eu pegar firme nos jogos foi a partir dos anos noventa, de 1989 para lá, que eu embalei de ir a todos os jogos.

B.B. - 1989, que coincide com a conquista?

L.G. – É, que coincide com a conquista.

A.C. - E foi fundamental a conquista?

L.G. - Hoje olhando eu vou dizer que não. Mas foi. Você está entendendo? Isso aí é notório, time que ganha traz torcida e te empolga aí e você continua indo.

B.B. - Depois teve o Brasileiro.

L.G. - De 1995 foi a explosão.

B.B. - E você já estava.

L.G. - Já estava firme. Já estava firme..

R.T. - Como você se aproximou da torcida?

L.G. - Foi isso que eu te falei.

R.T. - Do ir ao estádio, para começar a pensar.

L.G. - Do ir, mas tem o pessoal do baile que é ligado com o pessoal da torcida, é por aí fui, é fácil, naquela época era mais fácil, porque era o mesmo público. O cara que ia ao jogo domingo era o cara que estava no baile sábado. “Ah! Vai ao jogo amanhã?” “Amanhã a gente se encontra lá”. E por aí vai... Era o mesmo público. Na verdade, era o mesmo público. Lógico que tinha uns caras de torcida que não gostavam tanto de baile, mas a grande maioria gostava do baile.

B.B. - Independente do clube?

L.G. - Independente do clube. Lógico, a gente ia com o pessoal do Botafogo, ficava ali no canto, só nossa rapaziada, entendeu? Dependendo até do mesmo lado tinha gente do Flamengo, de outro time, mas o baile tem essa característica, baile é baile, torcida é torcida.

A.C. - Mas na hora do jogo esse pessoal ia na Fúria junto, na TJB junto?

L.G. - Só quem era Botafogo. Só quem era Botafogo, entendeu?

B.B. - Aí você começou então a ir aos estádios, no início dos anos 90 e já direto se integrou a uma torcida organizada?

L.G. - Lógico, eu me identifico muito com isso, com grupos, entendeu? Nunca fui de falar “fui para ser povão” como o Vuki ou fala. Eu me identifiquei com a Jovem do Botafogo na época, até porque de lá conheci várias pessoas e fui ficando, gostei da torcida, na época eu gostava bastante e faz parte da nossa história, da minha história, da história da Fúria e da torcida do Botafogo. Nós somos uma dissidência de lá, mas não podemos negar isso. Entendeu?

B.B. - Quando teve a dissidência que foi em 2001, como você se posicionou de início, por quê? Houve várias tentativas de dissidências em outros clubes, no caso do Botafogo acho que é emblemático; a dissidência da Fúria foi uma dissidência que se tornou hegemônica, algo que não tinha acontecido em outras experiências, por exemplo, a Mancha Negra quando saiu da Força Jovem, ela continua sendo um grupo minoritário, isso várias torcidas tentavam fazer. A Fúria teve um fenômeno que foi justamente engolir a TJB. Você, de início, quando teve a dissidência você saiu?

L.G. - Foi até muito engraçado, porque todo mundo tinha medo, até pelo exemplo das outras, mas têm coisas que só acontecem no Botafogo, esse é o ditado mais certo... Tem coisa que só acontece com a gente. Foi um movimento que foi crescendo, foi crescendo na surdina. “Ah você vai? Eu vou”, mas ninguém queria ir. Eu me lembro que cheguei em casa e falei : “Pô, se eu for não tem como voltar”. Você não tem a cara de pau de trocar de instituição e fundar outra instituição, sem história nenhuma porque torcida tem que ter negócio de história. Você pesquisa aí, “Torcida, ah! História”. História se faz, você está entendendo? História se faz. O medo de todo mundo era esse, vou largar trinta e poucos anos de um negócio que era um bebê e a galera, vamos dizer assim, os formadores de opinião acreditaram, acho que isso aí foi fundamental, cem por cento, você nunca vai ser. Não adianta que cem por cento não vai ter ninguém. Tem gente lá até hoje, tem uns que vão e voltam, mas se os formadores de opinião - as pessoas que acreditarem -, forem não tem como... É o cara que puxa a galera, se o cara que vai lá que puxa a baixada que vêm duzentas pessoas, ele for para lá, ele vai levar o grupo dele. Dali três ou quatro não vai, mas a maioria foi. Foi isso que aconteceu. Foi uma avalanche.

B.B. - Você falou de história. O que se sabe, o que se sabia, o que se contava nas arquibancadas sobre a torcida do Botafogo, sobre o passado da torcida, figuras emblemáticas e mais conhecidas que você?

L.G. - Você vai achar até engraçado o que eu vou te falar. Antes da minha geração, da minha geração, tem uma geração intermediária, tem uma antes, não era uma pessoa assim vibrante, tipo assim, tinha o Russão que era o símbolo, o Russão, mas não era uma torcida de chegada. Entendeu? A minha geração hoje de trinta e poucos anos que foi a geração que foi lá e botou pé firme. Porque antigamente a gente sabia que o pessoal do Botafogo ficava ali na área do bar da dezoito, ali no Flamengo, os caras chegavam do Flamengo, chegavam, metiam porrada e mandavam sair e o cara botava o rabinho entre as pernas e saía. Até que a molecada da época falou: “eu não vou sair”. Você entendeu? Foi se pegando a geração de 70 e pouco para cá, setenta que eu digo, do ano que nasceu que eu estou falando assim, foi a geração que botou um pé firme. Foram os caras da meia idade; os caras antes da gente; você vai à torcida do Vasco, na Força Jovem do Vasco, são os caras tem cara de 50 e poucos anos, que eram os caras da época e na nossa você não tem. Você vai pesquisar aí e você não vai achar. Vai achar um cara que *foi*, o Orelha, bate a mesma faixa de idade que eu. Não é aquela coisa, eu fui moleque e vi aquele cara ali; “Pô, aquele cara ali era o bam bam bam”.. Não tinha o bam bam bam. Tinha um grupo que ia e tentava se sustentar. Só que depois veio uma geração mais ativa que botou pé firme e a torcida foi pegando um status dentro do cenário nacional. Infelizmente a torcida fica mais forte. Até dentro do próprio clube ela fica mais forte. Se ela não demonstrar algum poder sem ser a inteligência, ela não sobrevive. Porque todo mundo vai passar por cima, ninguém não vai ter respeito e vai por aí.

B.B. - Quando você começou a frequentar, o Russão ainda ia?

L.G. - Ia. O Russão ainda ia. A folgada existia, você entendeu? Mas o Russão foi muito polêmico, né. Foi caso mais direcionado com o Botafogo, não torcida com torcida. Torcida com torcida é outra história do Russão. Não tinha “Ah! A torcida do Botafogo é aquela ali. Oh”. Você entendeu? Até que chegou a geração um pouquinho antes da minha, o pessoal que eu digo assim, que tem uns quarenta, que é um pessoal mais que botou pé firme e ficou.

B.B. - Essa é geração da TJB.

L.G. – Isso, a geração da TJB.

B.B. - E o Russão, ele aposentou e nunca mais foi ao estádio e o que se ouve falar dele?

L.G. - Eu não gosto de julgar as pessoas, entendeu? Acho que paixão, hoje eu sou Presidente da Fúria, amanhã, ano que vem não posso ser, mas eu vou continuar nos estádios porque eu gosto do clube. Acho, quem abandona, dá uma paradinha, não gostava tanto do clube, gostava de outra coisa, você está entendendo? Se, foi cortado algum benefício, alguma coisa eu não sei. Mas acho que a pessoa tem que ir até o final. Você tem que se apaixonar por um clube e ir até o final.

A.C. - O que motivou essa dissidência de ir da TJB para...?

L.G. - É uma coisa que acontece em todas as torcidas, infelizmente o pessoal não é tão leigo como era antigamente, não é índio que tem um chefe e todo mundo manda. As pessoas às vezes sendo favorecidas e quinhentas, duas mil pessoas não sendo favorecidas. Foi isso. E começou com um tititi e antigamente não tinha internet, hein. Se é hoje estava morto. A fofoca era muito maior. E começou o tititi, tititi, e começou a falar mal do cara. A gestão do cara, não tem quer falar da gestão em si, mas surgiu muita história de falcatrua, desvio de ingresso e torcedor ia para o estágio chegava lá não tinha ingresso. Ingresso estava na mão do cambista. Só que eu era daquela época, o cara era o Presidente, você não falava com o presidente. Você entendeu? Para falar com o Presidente você tinha que chegar (rosnando). Porque aí, tem torcidas que agem assim até hoje. Você entendeu? Aquele ali é o Presidente da torcida, é intocável, vamos falar assim. Só que chegou a um ponto que a gente explodiu, não tem intocável nenhum, é um ser humano igual a mim, igual a você, apenas ele está ocupando aquele cargo de comandar. Ele não é dono de ninguém, não é patrão de ninguém.

R.T. - Foi uma insatisfação com a forma da liderança, da ação.

L.G. - Acho que foi um conjunto de várias coisas. Insatisfação de saber falar com o componente, aí já pesa no lado financeiro, o pessoal também vive muito isso, a torcida está chegando a pé, ou é o Presidente que está chegando de carro. Aí, além disso, o cara era funcionário do clube, aí foi a bomba que explodiu. Você está entendendo? Era isso aí. Foi uma série de fatores que não cabe a mim julgar e falar, você está entendendo? Eu acho até antiético, eu julgar e falar, mas eu era componente da época e vivia aquilo ali atualmente, entendeu? Deixar uma história ali por ganância própria. Entendeu?

B.B. - A TJB é dividida em esquadrões, no caso em sua época a que esquadrão você pertencia?

L.G. - Porque eu sempre fui, na verdade, do esquadrão Norte, mas não, eu vivi com o esquadrão Sul, até porque era referencial do momento e meus pais vieram logo morar aqui. Como eu falei, meu pai mora aqui.

B.B. - Você se mudou para Botafogo, então...

L.G. - Mesmo que não mudasse eu vinha para cá.

B.B. - Antes.

L.G. - Eu não saía com o pessoal de lá, eu preferia sair com o pessoal daqui, porque era a galera que comandava a torcida na verdade.

A.C. - Dentro da torcida como é essa divisão dos esquadrões, tem lista interna?

L.G. - Na Fúria, não e nem na época tinha muito, não. Inclusive o Botafogo tem essa característica. Muito difícil não ter um bairro com outro, mas entendeu? Mais em outros, em Botafogo era mais difícil.

B.B. - Mas o quente era o Rajah.

L.G. - Era o Rajah, na época era.

B.B. - E aí vocês iam juntos no ônibus...

L.G. - A torcida toda saía daqui. O que eu falei. Hoje melhorou, temos ônibus alugados. Antes não tinha nada. Você se virava para chegar aqui.

B.B. – 464, não é?

L.G. - Isso. “Se virava e chegava aqui”. “Dava o seu jeito”. Na época eu morava em Inhaúma, tinha muita facilidade do metrô, como sempre teve, até hoje. Eu vinha de metrô, descia aqui, chegava cedo aqui, ou ia para casa dos meus pais um dia antes e já ficava aqui.

B.B. - Ah. Quando seus pais vieram você continuou morando em Inhaúma.

L.G. - Continuei morando em Inhaúma durante um bom tempo.

B.B. - Ah tá. Você já morava sozinho.

L.G. - Já morava sozinho. Continuei morando um bom tempo lá, mas Botafogo a gente não abandona, vinha sempre para cá. Ah. Clássico Botafogo e Flamengo, dez horas da manhã eu estava aqui.

B.B. - E aí você voltava para cá depois ia. Você voltava do jogo do Maracanã e depois você ia?

L.G. - Dependendo do ferveo até vinha para cá, porque o Botafogo tinha muitas vezes, Copa da Torcida do Flamengo e todo mundo vinha para cá e depois a gente ia. Entendeu? Nossa maior rivalidade era Copacabana. Copacabana era o mais forte do Flamengo na época.

B.B. - Que era a Jovem Fla?

L.G. - Era. O primeiro pelotão era lá.

B.B. - Que tinha duas bases, Saens Peña e Copacabana.

L.G. - Só que o forte deles era Copacabana e Leblon, que era o núcleo dos caras do primeiro pelotão, eram ali, e era uma briga intensa com o pessoal daqui. Um invadia lá, outro invadia aqui, e isso era constante.

B.B. - Então quando você começou a ir a briga já era fora do estádio?

L.G. - Já era fora do estádio.

B.B. - Não tinha briga no estádio?

L.G. - Eu cheguei a pegar as brigas no estádio, na época das salas no estádio. Cheguei a pegar, a viver isso. Falar que eu participei em algumas brigas no estádio? Que eu me lembre de uma ou duas confusões que eu tenha participado diretamente até com o Flamengo, na época ainda tinha sala, mas logo depois se extinguiram as salas e as brigas passaram a ser do lado de fora.

B.B. - Ao que eu me lembro em 1992 teve a final Botafogo e Flamengo, caiu a arquibancada, dois anos depois foram fechadas as salas em 1994, no segundo Governo do Brizola eles resolveram fechar essas salas por causa das invasões constantes e isso de alguma maneira acabou obrigando as torcidas a terem uma infraestrutura que eles não tinham antes, que era ter Sede administrativa e hoje até algumas, Sede Social.

L.G. - Correto.

B.B. - No caso da TJB chegou a ter alguma sede administrativa?

L.G. - Não, ela tinha uma regalia que hoje não tem mais, uma sede dentro do clube, uma sala doada pelo, uma sala dentro do clube, lá no Mourisco Mar. Entendeu? Aí realmente a torcida



toda saía lá do Mourisco Mar, que hoje não tem mais. Quando mudou a Presidência do clube, se eu não me engano, quando entrou o Bebeto, ele cortou.

A.C. - Isso que eu queria perguntar. Eu lembro na primeira eleição do Bebeto, logo no primeiro ano, lembro que eu fui ao jogo do Botafogo, que a Fúria foi na geral. Por que o Roberto tinha cortado?

L.G. - Botafogo e Flamengo, não é? Ninguém na torcida do Flamengo e a gente toda na geral.

A.C. - É, foi marcante, assim.

B.B. - Que ano foi isso?

A.C. - Foi em 2003.

L.G. - Foi em 2003, eu lembro que a torcida do Flamengo tinha quase ninguém, foi uma raridade também e a gente, todo mundo na geral.

A.C. - Bebeto tinha cortado os ingressos para a torcida, então a Fúria foi na geral. Foi impactante. Você via as pessoas na arquibancada olhando aquilo: “Quem são essas pessoas?”

L.G. - Foi muita gente na geral.

A.C. - Foi muita gente. Enfim. Por contraste, eu lembro, agora assim que o Maurício Assunção entrou, lembro de ter visto durante certo período, material da Fúria sendo vendido dentro do clube, na loja oficial. Comenta um pouco sobre essa questão da mudança de Presidente do clube, a relação da torcida. Eu sei que a TJB, você disse que o presidente era funcionário do clube. Como é que está hoje essa relação?

L.G. - Vou te falar, como funcionava e como funciona. Algumas coisas eu posso falar assim, não posso falar muito do Bebeto porque eu não era presidente, mas eu acompanhei muita coisa. Sempre fui a fundo. É um cara que não conversa com torcida organizada. Quer dizer, o

cara, para qualquer torcida é ruim. Tanto é que foi pego falcatrúa dele no Botafogo, ele está no Atlético Mineiro acho que também já saiu do Atlético; ele não conversa. Não conversa.

B.B. - Falam que ele é candidato, é isso?

L.G. - Do Botafogo? Não é nada.

B.B. - Não. Candidato agora em eleição?

A.C. - Não. Beбето, é o jogador.

L.G. - Ele não conversa com torcida organizada. Ele só conversa quando precisa. Eu me lembro que ele nunca conversou, mas o Botafogo quando estava para descer, ele chamou a torcida lá e deu quatro ônibus para a gente viajar contra o Atlético Paranaense, que foi o jogo... Lembra desse jogo? Então. Ele só era assim, quando ele precisa, ele chama; quando não precisa, não chama. Tanto que todas as torcidas do Botafogo - não só a Fúria, não – todas pegavam no pé dele, todas, porque ele é um cara grosso, estúpido. O Maurício conversa com todas. Agora vamos falar do material vendido na loja. Não é nem encargo do Maurício. A gente vendia, por causa que...Onde a gente fazia o material era a mesma empresa que tinha a concessão de vender na loja. A gente vendia lá e hoje nem vende mais.

A.C. - Por quê? Teve alguma coisa.

L.G. - Dizem que a FILA pediu para não vender, não acredito, entendeu? Mas também a gente nem fez questão, porque também não era...entendeu? A FILA pediu para não ser vendido... no clube.

A.C. - Eu pergunto isso, porque enfim, porque eu passei um tempo na Argentina, eu conversei especificamente com um dirigente do River Plate, o cargo dele era comissão da *hinchada*, comissão da torcida. Ele tinha uma história dentro da torcida, mas agora ele era dirigente. Então o clube tinha um cargo institucionalizado de relação com a torcida. Isso existe no Brasil, no Rio, nos clubes do Rio, já houve no Botafogo?

L.G. - Sabe o que o Presidente faz? Ele vai lá, pega um Diretor, indica. Você vai falar com a torcida. Só que não funciona. O cara que não é de arquibancada não vai conversar contigo, não vai conversar comigo. Você está entendendo? Um cara que está acostumado a ver pela televisão; escuta! Entendeu? Infelizmente isso aí no Botafogo não existe, não sei no Flamengo, por causa que, eu vi o Presidente da Jovem do Flamengo quando eu entrei em torcida que era o capitão Léo, hoje em dia ele é do Flamengo, no Botafogo não tem isso. A gente conversa com o Diretor.

A.C. - Só por curiosidade; tem alguma representação política no clube, se filiar ao clube, se associar?

L.G. - Pô. Eu sou sócio do clube, mas eu não almejo isso, não. Para mim, o máximo que eu faço é voto. Entendeu?

A.C. - Mas dentro da torcida não tem esse debate?

L.G. - Têm uns ou outros. Entendeu? No Rio eu acho o pessoal muito acomodado, em São Paulo o pessoal tem uma visão mais aberta sobre isso aí. Entendeu? Alguns têm vontade, sim, de estar no clube representando, pode até ser. Posso estar cuspidando para o alto e daqui a uns três anos você me encontra e estando em uma chapa aí, mas eu acho que não. Entendeu?

B.B. - Conta, então, mais um pouquinho, seguindo a cronologia. O surgimento da Fúria, foi feito, um tempo antes foi pensado, teve a coisa de pensar o novo símbolo. Quanto tempo levou entre se arquitetar o surgimento de uma nova torcida e a implantação?

L.G. - Por quê? Vou explicar o que aconteceu. Um grupo pequeno, que eu não fiz parte bem no início, que eram quatro ou cinco tiveram a ideia inicial. Minha carteirinha é vinte e quatro. Vinte e quatro não, minha carteira é vinte e oito, somos os mais novos, eu sou o vigésimo oitavo integrante da Fúria, só que no início reuniu-se pouca gente para o negócio não se alastrar. Eles ficaram ali marcando reuniões, fazendo, fazendo, até que decidiram chamando

um a um, aquilo ali. Fundamentaram um nome; eu lembro que tinha outro nome, cara, não vou me recordar agora.

B.B - Porque no Brasil, se eu me lembro uma torcida que tenha nome com Fúria, era a do Paraná. Fúria Independente.

L.G. - É, tanto é que se julga a primeira Fúria. Só que a gente é a mais famosa. Eles esqueceram, disso. Eles têm uma faixa. Eles botaram uma faixa. Eles têm uma rixa com a gente tremenda. Botaram na faixa, “a primeira Fúria do Brasil.” Entendeu? Eu falei que a gente ia fazer uma, “a mais famosa do Brasil”.

B.B - E aí quando começou ela não ficava atrás do gol. Logo que surgiu a dissidência. Ela foi para o...

L.G. - Nós tivemos uma reunião com o Major Marcelo na época, e o Presidente da Suderj era o Chico da Mangueira, viu que a gente começou a crescer, reuniu a gente, os componentes do Botafogo, e fez um acordo. “Vocês têm seis meses, a que ficar maior, vai para atrás do gol”. No quinto mês a gente já estava atrás do gol.

B.B. - E o pessoal do TJB, no início, como eles reagiram? Porrada?

L.G. - Foi muita briga. Muita briga. Até hoje tem muita divergência, por causa disso aí. Entendeu? Muita; muita briga mesmo. É uma coisa complicada, não é?

B.B. - Se enfrentavam dentro do estádio, na saída?

L.G. - Dentro, fora... Eles entravam escoltados e saíam escoltados?

B.B. - E aí a base que era o Rajah, o que aconteceu com o Rajah?

L.G. -O próprio Rajah na época virou também Fúria. Entendeu?

B.B. - Por que o Presidente era de onde?

L.G. - Quem? O Presidente da Fúria?

B.B. - Não. Da TJB.

L.G. - Era daqui.

B.B. - E o que ele fez?

L.G. - Ué. Botou a viola no saco. Se os próprios componentes viraram, filho... Tá morto.

A.C. - Eles se mudaram? Ele se mudou?

L.G. - Não, nem se mudou, porque ele é bom de lábia. Quem é bom de lábia não precisa nem se mudar. Queria eu ter esse dom da palavra. Entendeu? O pior é isso, o Rajah aqui era Fúria, e sede da torcida era do outro lado da rua, no Mourisco.

A.C. - Mas esse núcleo duro da Jovem ainda está lá na Jovem, ou mudaram os componentes?

L.G. - Têm pessoas lá que eu até admiro. Isso aí mostra personalidade, não é? Gente que está lá até hoje. Eu bato palma. Parabéns. Está lá até hoje. Você está entendendo? No mau no mau, pode confiar nesse cara. Bandeira ele tem. Entendeu? Passou por um milhão de coisas, e não foi. Você está entendendo? Só que também abre uma coisa ruim para a gente. Sempre tem esse “negocinho”, três foram para lá, quatro. Você está entendendo? Hoje se você falar um “ai” com o Bernardo diferente. Amanhã ele está lá batendo palmas, existe isso entendeu? Não é como a torcida do Flamengo que tem quatro, cinco, seis torcidas, e você não sente diferença. O Botafogo infelizmente, ele sustenta uma torcida grande. Não adianta fazer, duas, três, quatro, porque não vai dar certo. Entendeu?

R.T. - Qual seria a filosofia da Fúria, o que a diferencia mesmo da TJB, por exemplo?

L.G. - Olha só, a Fúria começou com um intuito de ter sua sede fora do clube. Foi a primeira coisa que a gente conseguiu. Onde até hoje dentro do Botafogo a gente não tem. Nossa sede é lá na Rua do Acre, localizada lá, entendeu? E ter mais independência do clube, só que fica muito difícil junto às torcidas do Rio, porque a gente não trabalha com mensalidade. Hoje você é sócio por ser. O cara vai lá faz a carteirinha, pagou dez reais, e acabou. Hoje você viver sem verba é muito complicado. A única independência que o clube tem é que a gente compra ingresso e vende. Então quer dizer, eu não acho isso independência, eu sou um cliente do clube, eu compro o ingresso do clube e revendo. Pronto. E vou lá e pago o clube. Antigamente, não. Nós jogos da Rubra, eles ganhavam o ingresso. Eles ganhavam 4000 ingressos. Então não se podia protestar, não se podia xingar. Vai xingar, como? Vai xingar quem está te dando dinheiro? Não vai. Hoje a gente não tem esse problema. Você está entendendo? Vou lá, compro, pago e acabou.

B.B. - Uma média de quantos?

L.G. - Depende do jogo. Quando é em casa, depende muito do jogo. O Botafogo é muito.... Você entendeu? A gente vai lá compra e paga, para não ter nenhum problema, assina o recibo tudo bonitinho, acabou; para não ter isso. Mas, todas torcidas do Botafogo hoje são nesse sistema também. Todas compram e pagam, acho que em todos os clubes. Você entendeu?

A.C. - Qual a lógica por trás de não cobrar mensalidade...

L.G. - Não existe a lógica. Eu vejo dessa maneira. Para eu te cobrar uma mensalidade, eu tenho que te oferecer alguma coisa. Concorda? O que vou oferecer de diferencial para o meu associado? Porque ele tem que pagar uma mensalidade por mês, como muitos fazem por aí. Nada? Ele não poder ir lá na rua do Acre e comprar uma roupa? Eu não tenho ingresso para dar. Você está entendendo? Eu acho que você tem que ter. O Corinthians, exemplo, tem uma escola de samba, tem um diferencial para dar, tem um clube. A gente não tem essa estrutura, eu não posso hoje te cobrar alguma coisa que você vai me cobrar. Sou associado. Pago. Sem pagar o associado já reclama pra caramba, imagina pagando. É muito complicado. Eu acho que você tem que oferecer alguma coisa para o teu associado. “Oh está se associando aqui; então você tem direito a isso, as viagens são mais baratas”. Infelizmente. Só que é uma luta

para a gente conseguir ser isso. Hoje eu prefiro não cobrar. Se você cobrou, você tem que... Deveres, não é? Um cumpre e outro manda. Como eu vou pedir uma coisa se eu não vou poder cumprir? Você está entendendo? Hoje eu não posso cumprir isso. Queria como todos do Rio pudessem cumprir isso. Lógico que se for uma torcida de São Paulo vai ter uma ajuda de milhões de pessoas, aqui no Rio são quatrocentos quilômetros, mas parece quatro mil horas de distância.

A.C. - Fora a questão dos ingressos, o clube ajuda com alguma outra...Ônibus, fogos de artifício?

L.G. - Ajuda com nada. Com nada. Só se tiver precisando. Você está entendendo? Se tiver precisando eles vão ajudar.

A.C. - É uma relação muito de interesse.

L.G. - É isso aí. Ajudou? Ajudou. Ajudou quando o Botafogo ia cair agora no último jogo do Palmeiras, ajudou com fogos, aí ajudou. Só que você passa o ano todo... Só ajuda nessa hora.

R.T. - E para produzir a festa, como que é?

L.G. - Aí começa o martírio. Você está entendendo? Hoje a gente tem pessoas, vamos dizer assim que colaboram, que eu sei. Oh. Eu vou, em um cara que já ajudou o Botafogo, vou em um candidato, vou em um amigo do Botafogo, tem gente que é Botafogo de coração que ajuda com o maior prazer... Não do clube! Exemplo, você tem como o ex-presidente Montenegro, você pode ligar que ele vai te ajudar, o cara gosta do clube, você está entendendo? “Olha, a gente não quer dinheiro, a gente quer comprar fogos aqui, tem como?” “Tem”. Ele é o pessoal que agiu na festa. A gente pega em um jogo assim que geralmente tem festa, é um jogo de apelo. E geralmente no ingresso, a gente compra e revende, sobra algum lucro e a gente investe nisso. Nós fizemos uma festa ano passado, foram doze mil reais de fogos, que foi a festa da fumaça, foi do último jogo do Brasileiro, a gente não podia cair de jeito nenhum, se dependesse do Palmeiras, caía. Então doze mil reais não é qualquer um que consegue. Entendeu? É muita gente para pedir. Hoje vou até falar com meu pai, sobre isso.

A pior coisa que eu me acho é ter que pedir alguma coisa a alguém, eu não gosto, você está entendendo? Mas faz parte da função, entendeu?

Eu gosto de trabalhar, conquistar aquilo ali, e a torcida fazer aquele fruto, não eu depender de você. “Pô, me ajuda, a torcida está precisando”. Isso eu não acho legal, entendeu? Mas faz parte. Tem coisa que a gente aprende.

B.B. - Como que é a estrutura da direção da Fúria?

L.G. - Hoje nós temos... O que eu fiz lá? A gente botou mais ou menos uns vinte cargos para tentar dividir. Lógico, que se você me perguntar, funciona? Alguns. Até porque... É igual a trabalho, nem todo mundo consegue imbuir da missão que você dá para ele. E quando o cara não faz, a gente mete a mão e faz. Tem o cara financeiro, tem o presidente, tem dois vice-presidentes, tem um que é responsável pelo material, você está entendendo? Tem um que é para o credenciamento, mas tem gente que não está nem aí. Mas faz parte, vivendo e aprendendo.

B.B. - Então seria um grupo de quantos líderes que comandam a torcida?

L.G. - Oh. Tem vinte líderes comandando a torcida. Entendeu? Já contando com os chefes de bairro, tudo direitinho, vinte líderes.

B.B. - Chefe de bairros que você fala são os monitores?

L.G. - É, são os chefes de canis, mas dá um pouquinho a mais, entendeu? Por que alguns chefes de canis são Diretores. Entendeu? A gente tentou conciliar isso tudo junto.

R.T. - E os símbolos?

L.G. - O símbolo que você diz?

R.T. - Da torcida?



L.G. - Do cachorro?

R.T. - Isso. A ideia.

L.G. - Quando eu cheguei à Fúria, tinha dois símbolos: tinha um cachorro, tinha outros tipos de cachorro, aí, se não me engano, foi o Ial<sup>1</sup> ou o Sérgio, que eram dois diretores da época, que optaram pelo cachorro e pela letra. Eu brinquei que na época tinha um jogo de vídeo game, não me lembro qual videogame que o nome era *Fatal Fury* e era a mesma letra. Até brinquei: “Pô, a mesma letra”. Eu na hora não achei que daria tanto impacto. Tinha outro nome, falei; agora não me recordo, mas eu acho até o finalzinho, acho que me recordo, mas aí ficou em pauta o que seria. Mas, “Ah! Vai ser Fúria” e por aí foi. Lembro onde começou foi no basquete do jogo do Botafogo, que foi o jogo que a gente explodiu a todo mundo saber. Marcamos com todo mundo nesse jogo, foi todo mundo de roupa comum e lá a gente abriu o jogo para os caras da TJB, que ia ser isso aí, e causou maior reboliço, o pau quebrou, e dali começou; dali não tinha mais o que esconder, porque tinha gente com eles, que eram da Fúria, não me falavam ainda. Entendeu? Ficou um negócio meio chato. Entendeu? O cara estava lá, mas, “Não! Estou com vocês aí”... Entendeu?

Como quem diz; estava com a gente, quando fluiu a Fúria, voltou para lá. Entendeu? Ficou muito nesse negócio aí, e a gente chegou; também a gente veio muito forte, a gente botou a Fúria, na outra semana a gente abriu a sede, e era carente disso, entendeu? Aí já tinha uma sede, no primeiro jogo a gente botou uma galera legal e aí começou.

B.B. - Tinha um triângulo e um dizer: ética, respeito e atitude.

L.G. - Isso. Tudo foi feito em prol da passada. Por causa de quê? Ética, respeito e atitude, eram o que a gente achava que o outro não tinha. Foi muito jogo, vamos dizer assim, de guerra. Hoje não, a gente vê... Foi o que aconteceu, mas foi o que deu gás. Lembro até hoje, qual era o dizer da blusa da primeira festa, era: “Ganância, arrogância e prepotência podem destruir uma história”. Então era tudo mais, a verdade foi essa para afrontar. A verdade foi essa. Para mostrar que a gente era capaz de fazer. Eles achavam que ninguém é substituível, só eles podiam fazer. Você entendeu? Só que eu acho que você não tem que menosprezar

---

<sup>1</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

ninguém, você tem que acreditar. Acho que o erro deles só foi esse: Não acreditar que poderia dar certo. “Ah, isso não vai dar em nada. Eles vão ficar meia hora aí, e daqui a pouco, vão estar chorando e pedindo para voltar”.

A.C. - Vem cá, e dentro da arquibancada como é que vocês se diferenciavam no estilo de torcida em relação...

L.G. - Foi o que eu falei. Uma galera boa veio para a gente, aí a TJB na época não tinha grito de guerra, a gente já tinha. Isso a gente tentou conquistar. Acontece o seguinte: um detalhe que eu acho que foi muito forte e que eu acho que funcionou. O símbolo da Jovem do Botafogo é uma caveira. Levar para a torcida, legal, mas para povão? Não é legal. O filho não gosta, a mãe não vai deixar o filho usar uma caveira. Concorda?

R.T. – [Risos]

L.G. - Isso aí pesou muito para a gente pegar o carinho do público botafoguense. Você está entendendo? O cachorro, uma coisa que tem mais a ver com o clube. A gente focou muito no clube. Nossa ideia foi muito vislumbrar o clube. Entendeu? Deixar o clube em evidência. O símbolo do Botafogo é um cachorro, não é uma caveira. Você entendeu? Caveira é legal, é legal, é negócio de torcida, é um negócio muito pesado. Isso aí, eu acho que pesou pra caramba e muita criança começou... Porque no jogo do Botafogo só vestia a roupa quem era da torcida mesmo. Um senhor não comprava. Aí lá começou a vestir senhor, senhoras, crianças, tanto que ele foi, na nossa festa, ele viu. Nosso público é muito variado. Não é só torcida organizada. A gente pega de... Eu levo minha mãe, vai meu pai, vai minha mulher e por aí vai. Antigamente na Fúria do Botafogo, você não levava. Entendeu? Muita coisa a gente corta, a gente não gosta de drogas. A gente evita fazer essas coisas. “Ah, o cara quer fazer? Vai fazer em outro lugar, irmão.” Na nossa festa, não, porque o nosso público é outro. A gente leva brinquedo de criança, eu acho que a Fúria focou muito nisso. Vamos atingir o público Botafoguense, tem que fazer o público gostar de você, se o público comprar o teu barulho já era. A verdade é essa.

R.T. - Hoje a Fúria tem quantos associados?

L.G. - Olha só, eu calculo quarenta mil associados a nível Brasil. O problema é que a gente tinha um cadastro muito grande, e com esse negócio de chama polícia etc.. O cadastro se foi. A gente está tentando, agora eu quero montar um recadastramento. Começar de novo, entendeu? Lógico que eu achei um lá uns cinco mil eu tenho, porque passa de uma gestão para outra, infelizmente, a gente não tem nada. Você que se vire e ache o que lhe convém. Entendeu? Eu estou tentando acertar isso. Acho que a história da torcida além de nome, de tudo tem que ter cadastro, entendeu?

B.B. - Como você foi subindo na torcida até se tornar presidente da Fúria?

L.G. - Não digo “subindo”. Independente de ser presidente, eu sempre estive lá com o pessoal que comanda. Acho que liderança vem com a pessoa. Não adianta, você não constrói um líder. O pessoal tem que gostar de você, começando por aí, não é? Não ser líder na arrogância e nem na prepotência. E foi mais isso. Foi na amizade. Foi o que te falei: eu não tinha vontade ser, o pessoal achou que eu tinha que ser. Eu falei: “Ah, vou dar uma força e vou ficar um tempo”, e está indo. Daqui a pouco, foi o que te falei, eu não pretendo ficar. Como muita gente ficou, na TJB eu lembro que o Presidente ficou 9 anos.

A.G. - Você está há quanto tempo?

L.G. - Pô, presidente mesmo eu estou indo para os 6, 7 meses, só que eu venho de uma gestão anterior, que nós fizemos um “mix”. Nós tiramos o presidente e ficaram 6 conselheiros, e eu era um dos conselheiros, entendeu? Só que 2 anos, eu acho esse ano no finalzinho eu passo a bola para outro, não pretendo nem completar os dois anos. Até porque eu acho que é uma etapa. O pessoal não tem que ficar muito tempo naquilo ali. Você está entendendo? É uma roda gigante. Hoje eu estou amanhã está ele. Até o pessoal sentir uma diferença. Não adianta o cara sempre ali, entendeu?

R.T. - Toda torcida tem conselheiros não é isso?

L.G. – Isso. Tem.

R.T. - E eles são importantes. Essa liderança, acho que ela depende também com esses conselheiros?

L.G. - Lógico. Um conselheiro derruba a liderança.

R.T. - Como se torna um conselheiro?

L.G. - Como eu falei primeiro. Quando houve o primeiro ano da Fúria, eu era presidente do conselho. Acho que até por isso...Eu era presidente do conselho da primeira Diretoria. Juntou-se o pessoal que montou a torcida: “Olha, os Diretores são esses oito e esses vinte aqui são conselheiros” e eu era o Presidente do Conselho. Você entendeu?

R.T. - Quais as qualidades de um conselheiro?

L.G. - Ah... Acho que vai muito... O tempo da torcida conta, acho que o principal é o tempo e estar sempre ali. Não adianta...Foi o que te falei, ser ausente é mole. Eu conheço um monte de gente que é antigão de torcida, mas é ausente. Você tem que estar ali, tem que ir aos jogos.. Não adianta ir só ao Botafogo e Flamengo, Botafogo e Vasco, Botafogo e Fluminense. Tem Botafogo e Olaria, tem uns jogos que ninguém quer ir... E isso aí conta. Isso aí pesa...

O cara tem que estar presente. Entendeu? “Ah! Eu tenho 16, 17 anos, 18 anos de torcida organizada”. Pô, legal. Mas está presente ali? Tem gente com muito mais tempo que eu, mas não é presente. E isso aí pesa.

B.B. - Como você concilia com o trabalho, com outras atividades?

L.G. - Pô. É difícil... Mas, eu boto o meu trabalho em primeiro lugar, entendeu? Eu boto meu trabalho em primeiro lugar por que é onde eu praticamente eu tiro minha vida para sustentar a minha filha e a [Adair]<sup>2</sup>. Eu não tiro o meu trabalho para nada.

---

<sup>2</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir. O entrevistado se refere à esposa.

B.B. - Mais ou menos, a agenda do futebol são dois jogos por semana, um jogo fora do Rio e outro dentro do Rio.

L.G. - E outro dentro. Mas eu também não vou a todos. Eu não vou a todos. Ah. Se eu fiz uma Diretoria, meu irmão, não depende só de mim. A torcida não anda se eu não for. Então ela tem que andar. Correto? Você tem a [inaudível], você tem o mesmo poder que eu tenho. Se eu não estou presente, é você que responde. Tem dois vice-presidentes, diretor financeiro, diretor de tudo.

A.C. - Mas para planejar uma viagem para Vitória por exemplo. Não sei se você vai ou não...

L.G. - Eu vou.

A.C. - Mas imagina se não fosse. E mesmo assim você teria que dedicar um tempo para planejar a viagem?

L.G. - Mas o que acontece? O telefone come solto, não é, filho? Entendeu? Se eu deixar é Vivo o tempo todo. Entendeu?

R.T. – Internet [Risos]

L.G. - E o pessoal não me deixa trabalhar. O problema é esse. Sabe qual o problema? O pessoal não deixa você trabalhar. E eu tenho muito isso. Tem hora que eu desligo, que eu não aguento. Mas é complicado. Quanto mais longe é pior.

A.C. - Explica para eles como é que é essa dinâmica da viagem e da torcida. Para um lugar mais longe que São Paulo, por exemplo. Uma viagem mais longa. Como é que é?

L.G. - Geralmente, vou te falar...Hoje eu estava analisando isso. Nem as torcidas grandes do Rio viajam com aquele poder. Eu vi que o Flamengo foi contra o Corinthians na semi que eliminou o Corinthians, os jogos do Flamengo eu acho que foram três ônibus....Não deu seis, sete ônibus, oito ônibus... O Corinthians veio para cá com quarenta...Então, o Flamengo que é

o Top, que está mais em evidência, tem mais torcedor; dizem, foi com isso. Então você vê que é difícil. É difícil. Hoje você montar uma viagem... Lembro que a maior viagem que a Fúria fez foi com dezoito ônibus. Foi semifinal com o Corinthians também... Mas é uma coisa esporádica, semifinal, Copa do Brasil. Um jogo de aliada, tudo pesa. Um jogo de rival, nego já... Você está entendendo? É uma logística muito complicada. São Paulo é muito mais fácil de a gente ir.

A.C. - Eles têm mais dinheiro, não? Para eles virem para cá, você acha que eles vêm como?

L.G. - Eles vão para qualquer lugar, filho...ih..

B.B. - Mas qual é...

L.G. - Cultura, Cultura é a mais simples.

B.B. - Estrutura econômica também.

L.G. - Também. Mas, olha só. Cultura. Hoje um torcedor do Botafogo, da Fúria, que seja, se ele vai para um jogo em São Paulo ele já vai chegar chorando para pagar o dinheiro da passagem aqui e não vai ter dinheiro para pagar o ingresso lá. O ônibus do Corinthians que vem de lá para aqui na porta da bilheteria todo mundo desce vai lá e compra o seu. E não é pessoa rica, não! Porque eu conheço os torcedores de lá. A torcida do Corinthians é aliada do Botafogo. Eles têm essa cultura. Aqui a gente tem a praia, aqui a gente teve o baile funk, a gente tem uma porção de coisas, a torcida não é o primeiro lugar. O cara não vai deixar um domingo de 40 graus de sol para ir ao Maracanã. Vai chegar em cima da hora, queimadão, de óculos, sem blusa da torcida, sem camisa. “Estou aí!” O paulista ele vai estar, porque é o primeiro lugar para ele, é o carro-chefe da vida dele.

A.C. - Principal lazer do paulistano...

L.G. - Do paulistano, torcedor. Você está entendendo o que eu estou falando? É. A gente teve a geração aqui do baile funk, eles não tiveram. Eles só têm a geração da torcida organizada, e

tem agora do samba. Que entrar no samba. A gente já não tem o samba, mas tem muito mais coisas para fazer, de lazer que eu digo; que vão te custar muito menos. Oh!, Eu fui lá, na festa da Gaviões, um ano; a Gaviões jogava com o Vasco, que é um rival imenso deles – é o Vasco, nosso aliado também. A festa estava lotada na quadra da Gaviões; e no outro dia às seis horas da manhã quando eu saí da festa, tinha vinte e oito ônibus parados para nego viajar. Se a gente faz uma festa aqui, não viaja um ônibus no outro dia, filho. E o pessoal que chegou para viajar não era o pessoal que estava na festa, e o que mais me intrigou foi isso. Você está entendendo? O pessoal: “Não, eu não vou à festa porque amanhã eu vou viajar. Não tem. Infelizmente são culturas totalmente diferentes. É cultura no se vestir, cultura de fazer material, você vai chegar em qualquer torcida de São Paulo e de Minas, o pessoal chega aqui de calça, camisa, casaco. Aqui no Rio, é a camisa e muito mal. Porque é nossa cultura, nós temos que aprender isso. O pessoal tem que se acostumar com isso. Nossas roupas são muito menos papagaiadas do que a deles. A deles são todas papagaiadas, se você reparar. Mas é a cultura da torcida carioca. A gente nesse ponto é diferente.

A.C. - Em relação à festa na arquibancada, como vocês veem a festa carioca, imagino que seja distinta também, tem uma cultura carioca, uma paulista, uma mineira ?

L.G. - Eu acho. Eu acho, não. Eu tenho certeza, nossa festa é a melhor. Por quê? Nós temos mais artifícios. Outro dia eu brinquei. São Paulo não pode bambu, imagina se pudesse. Eles iam colocar umas quinhentas bandeiras, rapaz. Mentira? Graças a Deus que lá não pode bambu, por isso que não chama tanto a atenção, a festa no Rio sobressai muito mais. Aqui pode bambu, pode pisca-pisca, e lá os caras não podem nada e eles são loucos por isso. Eles já fazem maior festa sem ter poder de fogo nenhum. E aqui a gente ganha nisso.

A.C. - Eles não têm bandeira?

L.G. - Têm tudo...Têm tudo. Quando eles vêm para o Rio eles botam. Só que agora, hoje eles não podem ficar mais na parte de cima. Mas se botar, eles têm muito mais poder de fogo que a gente para fazer isso. Você está entendendo? Hoje tem o pisca-pisca, o mosaico, tudo que você imaginar que funcionou.

B.B. - A imprensa está explorando bastante o Rio Grande do Sul, as torcidas do Rio Grande do Sul como uma coisa que vem da cultura Argentina e que está chamando a atenção pelos cânticos, pela forma da avalanche, uma coisa que não tem aqui.

L.G. - Eu não gosto como torcida organizada, eu não gosto. É bonito de se ver. “Ah! é legal?” É legal, mas destruiu muito a característica da torcida. Se não tem identidade, a blusa. Eles não têm blusa; a blusa é do Grêmio. Foi o que eu te falei. Se hoje eu vir uma confusão ali na Praia de Botafogo com uma blusa preta brigando. Ah, você vai falar: “Foi o Botafogo que brigou”. Concorda? Se você for ao Sul, ver uma briga com os caras do Grêmio, você não sabe se é do Grêmio, se é não sei quem do Grêmio. Eu acho que não tem identidade, nem em quem botar culpa você pode botar. Porque, oh, aqui já é difícil de controlar. Imagina lá que não tem associado, não tem nada. É um grupo que se reúne, faz aqui, lá e acabou.

A.C. - Pode ser uma própria estratégia da torcida de escapar.

L.G. – Não, nem acho. Acho que eles ficaram muito ligados à Argentina. A cultura Argentina entrou lá de tal maneira que eles mataram as organizadas. É outro fenômeno.

R.T. - Mas e o surgimento aqui desses novos movimentos no Rio, Loucos.

L.G. - Tentaram, mas não dá...

R.G. - Loucos, por exemplo, Urubuzadas. Como você caracteriza..

L.G. - Urubuzada é torcida. Ela é maior, é torcida.

R.T. - Surgiu como...

L.G. - Ela é maior, ela é torcida, porque se ela fugir disso aí, ela quebra. Não tem. Tem o GDA do Vasco que é mais ou menos. Tem a do movimento do Fluminense que eu acho maneira de todos que é a Legião.



B.B. - Mas não fundiu com a Young agora?

L.G. - A Young correu atrás disso. Não que eles estavam quebrando a Young. Mas por causa de quê? Não adianta você brigar com o povão. A Legião é o povão. Só que juntaram dez caras que têm dinheiro. “Bom, a gente vai colocar 5000 pisca-piscas”. A torcida não coloca isso. Eu soube que eles compraram 80 mil piscas. Estava guardado com o rapaz que fornece para todo mundo. Eu fui a uma reunião uma vez no GEPE, juntou todas as torcidas. O rapaz da Legião levantou o braço e falou: “Isso aqui é uma reunião para quê? É reunião de torcida organizada? Então a gente não vai participar, não”. E foram embora. Eles mesmos não se julgam torcida organizada.

A.C. - Mas eles são financiados por torcedores ricos.

L.G. - Que tem poder aquisitivo maior. E gostam muito. Juntou três caras, dez, vinte caras que tem grana, *brother*. Pode botar. E é aquele negócio. Tem gente que tem dinheiro, e ter seu ego acariciado, vale à pena. Ele não ganha nada, mas todo mundo sabe que é ele que bota. Dessa maneira... E a Young tentou ficar longe deles, só que o público se identificou com eles. Você entendeu? Só que eu acho que qualquer movimento que tem um grupo, tem bateria, tem... É uma torcida. Eles podem tentar fugir disso. Mas, não deixa de ser uma torcida.

R.T. - Então a Loucos é uma torcida?

L.G. - É uma torcida. Eles falam que não. Mas para mim é. É, ué. Compra ingresso e revende; é uma torcida, concorda?

A.C. - Mas a Loucos, em relação aos outros clubes, era realmente menor que as outras.

L.G. - Que as outras, lógico.

A.C. - Enfim, estou perguntando. Parece que tiveram impacto grande até na ação das músicas.

R.T. - Sim, sim.

A.C. - Eles compuseram até umas três músicas que até vocês da Fúria encamparam.

L.G. - Se a gente não encampar, não vinga. Tem esse detalhe. Uma depende da outra. A gente não faz nem questão... Mas se a principal torcida não encampar, não vinga. Entendeu?

A.C. - Mas, a música devia ter uma qualidade própria...

L.G. - Não, não. Mas não era uma música argentina. Foi o “ninguém cala” que saiu de lá. É música normal, concorda?

A.C. - Mas, a Fúria recebe bem esse...

L.G. - Se for uma música agradável, boa, igual a “Ninguém cala”, vai ficar. Não tem como. Acaba sendo mais forte que a gente.

B.B. - Tem o fato da própria televisão dar espaço para a música. Eles botaram a letra...

L.G. - Aí, acabou filho. Globo, horário nobre, botou a letra, filho, se não cantar você está ferrado. Mas a gente gostou. Foi que nem na final do carioca, vocês observaram, eles fizeram uma faixa com os ídolos. Aí, o que eles fizeram? Faixa de 90 metros. Mas eles não têm espaço para botar faixa no Maracanã. Eu sabia que eles estavam fazendo a faixa porque eles fizeram em um lugar que era nosso. Eu pensei: “Onde esses caras vão colocar isso?” Noventa metros, Fúria, Bota Chopp. Véspera do jogo, ele me chamou. Eu falei: “Não, vai botar faixa nenhuma, meu irmão!”; “Ah, não sei o quê”. Só que eles já tinham feito um apelo, com todo mundo e eu também não ia fazer isso... Porque teve que tirar todas as nossas faixas, para colocar a deles. E eles nem espaço têm. Se eles tivessem espaço... Mas é uma conversa com irmão da gente. Eu falei: “Vamos fazer um negócio” – porque a Fúria estava também fazendo uma faixa maior para final também – “A Fúria vai lançar a faixa no primeiro tempo, e no segundo tempo vocês, se a gente der uma sorte vamos ficar campeões e vai ficar a faixa de vocês”. E deu até ibope a faixa deles, ficou muito bem-feita. Entendeu? Só que são 90

metros. “Você vai botar essa faixa onde, rapaz? São noventa metros!. Não vou nem falar onde você vai colocar essa faixa”. Porque era o único lugar que restou. Se eles não têm espaço de 1 metro e fizeram uma de 90 metros, que pega a minha e a de todas as outras.

A.C. - A Loucos tem também o mesmo esquema do Fluminense? Pelo que eu conheço, eu conheço pouco, são torcedores mais de Copacabana, têm torcedores ricos também, que dão dinheiro?

L.G. - Tem um pessoal que tem poder aquisitivo. Eles têm boa influência. Não é cara?. Tem que saber pedir. A Loucos não têm. Se você pega a pessoa certa, filho.

R.T. - Eles têm dissidentes?

L.G. - A Loucos?

R.T. - Esses que saíram da Fúria e da TJB?

L.G. - Sempre tem.

R.T. - Quem são? Essa criação.

L.G. - Sempre tem. Acho que em todo lugar. Virou moda. Em todas as torcidas. Tem três grupinhos. O cara já não está satisfeito. Virou moda. Isso aí é a febre. Na Força Jovem do Vasco tem dissidência, na do Flamengo tem dissidência. Ninguém está satisfeito com nada. Foi o que falei: Ninguém está satisfeito com nada, entendeu? Hoje o Rafael comanda, sempre tem alguém contra ele; da Loucos, daqui a pouco o cara que assume vai estar todo mundo contra ele e por aí vai. Tem que estar preparado psicologicamente para isso.

B.B. - É interessante historicamente isso. Porque as torcidas organizadas durante décadas eram unificadas. Um líder, uma torcida, um clube. Anos 60, houve a explosão. Anos 70 não havia lugar onde pendurar a faixa, era uma torcida por bairro. Anos 80 começou a reaglutinar

com a Jovens crescendo e se tornando hegemônicas. Agora está tendo esse movimento de novo, de dispersar.

L.G. - Todas elas. Todas elas estão passando por uma fase horrível, disso. Eu acho também que a cultura do povo melhorou bastante. O cara não é mais tão leigo como antigamente. Hoje o cara entende mais um pouco de política, sabe fazer... Você entendeu? Eu acho que isso aí, invadiu. Antigamente você não tinha espaço. Eu creio muito nisso. O presidente era aquele ali. Você nunca vai tirar ele. Você já tinha isso na tua cabeça. Está sentado na roda de Diretoria? “Dá licença, vou sentar”. Era assim. Hoje por tudo ser mais flexível, o cara: “Pô, se ele está ali, eu também posso”. Não se sente na diferença de falar assim, distante. Estou na empresa: “Poxa, eu nunca vou chegar a Diretor, vai demorar muito”. Hoje não. Hoje o cara está na torcida, um, dois, três meses... naquele que vem, ele já acha que. E isso pegou uma febre em todo mundo. Entendeu?

B.B. - Teve uma geração em que esses líderes não se falavam. Era a morte. Hoje em dia está voltando. Como que é isso?

L.G. - Minha geração eu tenho mais. Eu sou da geração... Eu volto na história do baile, uma geração se conheceu muito tempo. Hoje, eu conheço o presidente da torcida rival, não tenho aquela ligação, mas você acaba falando. Antigamente ninguém se falava. Você ia na reunião da polícia, Botafogo aqui, Vasco ali, ninguém olhava para cara de ninguém, todo mundo sério, para ver quem era mais bravo. Hoje, todo mundo aperta a mão do outro, não são amigos, entendeu? Mas nosso interesse é um só. O interesse de todos é um só.

A.C. - Qual é esse interesse?

L.G. - Pedir as coisas. “Ah, hoje a gente quer fazer uma festa e temos de levar ‘candela’, candela gostosa”. O cara proíbe para o Fluminense, e proíbe para o Botafogo. Se a gente se unir para pedir uma coisa, para fazer um pedido, ou correr atrás de uma coisa é muito mais forte. Concorda?

A.C. - Essa aproximação se deu então por causa da polícia?

L.G. - Por causa da polícia e do interesse mútuo. Porque não proíbe só para mim, ele proíbe geral. Você está entendendo? Ele proíbe geral. Então, por isso existe a Federação das Torcidas, que são as quatro torcidas juntas. É muito mais fácil as quatro lutarem juntas do que uma sozinha.

B.B. - Há quanto tempo foi criada a Federação?

L.G. - A Federação tem 1 ano. Fez 1 ano agora em junho, se não me engano.

B.B. - Você é o vice-presidente?

L.G. - Eu sou o vice-presidente da Federação.

B.B. - O presidente é o Flávio?

L.G. - No momento é o Flávio, era o Zé Maria da torcida do Flamengo, mas o Flávio assumiu agora.

B.B. - Que é da Young Flu?

L.G. - Que é da Young Flu, a gente senta periodicamente, das quatro torcidas a gente discute algumas coisas. Entendeu?

A.C. - Em 2003 o governo lançou esse marco legal do Estatuto do Torcedor. Lembro que a lei foi editada, não teve uma rodada no Campeonato Brasileiro, que teve vários impedimentos legais aí e ela foi editada agora com modificações. As torcidas têm algum... vocês leem esse documento? Vocês conhecem?

L.G. - Eu conheço o documento muito bem, participei de dois seminários sobre isso. O seminário ano passado foi em São Paulo com o ministro Antonio [inaudível] Moraes, sendo que eles são malandros. Fizeram uma reunião com a gente quando a lei já estava para ser

assinada. Só foram tipo te avisar, você está entendendo? Para depois falar: “Oh! Mentira; eles estavam lá no seminário”. Todos os Presidentes do Brasil foram. Todos. Só que a lei já estava em andamento. Não foi um negócio, “Oh, nós vamos fazer a lei e vamos pedir a opinião de vocês que estão o dia a dia na torcida”. Não falaram para a gente que ela já estava lá em cima, através de nosso conhecimento, foi para [inaudível] promotor, todo mundo, só que a lei já estava em andamento, já estava para ser assinada. Então é uma coisa muito complicada. Tem coisa inconstitucional na lei, nós pleiteamos mudança na lei. É um parágrafo só que a gente acha que está ruim, não é grande coisa, e a gente acha errado, não sei como eles vão proceder com isso, hoje um integrante de uma torcida; um exemplo: eu estou aqui, um integrante da Fúria mata o que seja lá na frente e quem responde sou eu. Isso não existe. Não existe. Porque um policial mata e não é o comandante que responde. É? Cada um responde pelos seus atos. O que a gente briga é só isso. Ah, a torcida pode ser punida? Pode. Mas eu não posso responder pelo ato de terceiros.

B.B. - Da mesma forma que um torcedor do Flamengo e quem tem de responder é a Patrícia Amorim?

L.G. - É isso que a gente tentou mostrar. Eles fogem muito disso. Infelizmente eu não posso responder pelo ato dos outros.

A.C. - Como vocês vêm essas tentativas de cadastramento do torcedor, carteirinha do torcedor?

L.G. - Amadoramente como São Paulo tenta fazer, não vai funcionar, não é, brother? Esse negócio que São Paulo tentou fazer, que bota... não funcionou. É muito difícil. Eu acho que tem de repreender, tem de prender quem está errado, se o cara coisou, tem que ser preso, tem de responder, mas eu acho que a torcida em si, não pode responder por um ato. Ah, tranquilo; foi invadido o campo do Coritiba, um exemplo do momento, é o Coritiba, se proíbe a torcida de visitar o estádio, não tem de o que falar daquilo ali. Não tenho que falar. Se você reparar, o Presidente no momento não estava ali, presente, aí o cara vai preso porque os caras fizeram aquilo ali. São cinco mil, vinte mil pessoas que eu não tenho controle. Você está entendendo? Eu não tenho controle. Eu sempre prezo por isso. Na reunião eu sempre digo. Eu aviso, eu

chamo todo mundo, identifico se for preciso, a gente ajuda. Mas você ter o controle? Eu não posso estar aqui e responder pelo pessoal lá. Eu não soldado igual quartel. Se no quartel pessoa que manda, o cara vai lá e faz outra coisa. Imagina no nosso caso. Então, o cara é Flamengo, bota a blusa da Fúria, vai lá e mata e a Fúria que responde? Aí eles ficam sem responder. É a única coisa que eu acho errada no artigo. Ah. Porque foi feito de cabeçada. Tanto que o rapaz que ajudou a fazer o estatuto, nós perguntamos a ele, tem até gravado isso aí: “Quando foi a última vez que você foi ao jogo?”. “Ah eu vi quando o Zico jogou” Pô!! Pelo amor de Deus. Esse jogo você viu de casa. De casa você pode canetar tudo mesmo. Então são coisas sem coerência. Ah. Nós temos uma comissão. Tem uma comissão de todas as torcidas. Fulano, Gaviões, Fúria Geral do Botafogo, Independente de São Paulo, tem uma comissão feita por todas as torcidas. Chama os dez caras que formam a comissão, e vamos montar esse estatuto. Olha isso aqui não é legal para a torcida, isso aqui é bom, isso aqui não é. Ninguém vai reclamar de coisa que não é. Ninguém vai reclamar disso. Você está entendendo? Eu não vou reclamar de uma coisa que está certa. Mas a gente também não vai aceitar ser punido por erro de terceiros, que é complicado.

[Interrupção da entrevista]

B.B. - Agora a gente quer saber um pouco sobre a questão das alianças em particular com a Gaviões e as demais, que eu tive a oportunidade de ir na festa fiquei realmente muito impressionado, eu já havia estado lá em 2006 em torcidas lá de Belém do Pará, até o Sul do Brasil. Você contar um pouquinho como é isso?

R.T. - Como é que funciona? Como é que se estabelecem essas relações de amizade?

L.G. - As relações vêm desde antes de eu estar em torcidas. Algumas foram se criando no decorrer dos anos, até por afinidade. É muito justo. Quem é nosso rival aqui geralmente não é nosso amigo. É uma característica principal. No Brasil é dividido assim. Só que a Fúria como sempre tem uma peculiaridade. Ela tem amigo, que não é amigo de nossos amigos. Vamos falar assim. Nós somos a única torcida que tem amigos na Gaviões da Fiel. Todas as nossas aliadas são inimigas dela. Até porque a gente faz evento e a gente é muito preocupado com isso. Se você reparar que ficou no camarote de cima. A torcida dela só ficava em cima.

Entendeu? E é muito complicado isso. Mas hoje, aconteceu muita coisa que nem todo mundo é amigo de todo mundo.

B.B. - Por que as pessoas não gostam da Gaviões?

L.G. - A Gaviões tem muito aliado. É uma característica da Gaviões.

B.B. - Por causa da marra?

L.G. - Acho que não é por causa da marra, não. Até porque eu acho que a cultura deles não era ter muita amizade. Mas eles que pararam a gente, o pessoal do Botafogo – eles que chamaram a gente para ser amigo deles. Foi através de uma conversa.

R.T. - Eles não tinham amigos aqui?

L.G. - Não tinham amigos. Todo mundo necessita de um braço em qualquer lugar. O Rio de Janeiro não é para qualquer um. É verdade. Não tinham amigos aqui. Eles tentaram fazer uma aliança com o Flamengo, mas não rendeu. Não rendeu. E também o Presidente antes que era o Pancho, bem antes foi 2001, 2000, ele queria ter aliança com várias pessoas. A ideologia dele era essa. Não queria ter guerra com ninguém. Ele achava que guerra não podia ter. Só que nem todo mundo aceita. Se você falar para o Vasco fazer amizade com a Gaviões eles não vão fazer. E por aí vai. A Fúria apenas estendeu um laço de amizade que era da Jovem do Botafogo. Todos pensam que era a Fúria... não foi... era a Jovem do Botafogo. E depois que a Fúria virou amiga o Botafogo parou. Foi muito engraçado.

R.T. - Vocês assumiram essa amizade?.

L.G. - Essa amizade, tanto é que o estatuto da Fúria foi feito em cima do estatuto da Gaviões. Entendeu? Aí fizemos um laço de amizade com eles. Em São Paulo nossos amigos são eles. Gaviões da Fiel. E por aí vai.

R.T. – Tem outro amigo em São Paulo?



L.G. - Não. Nenhum, só a Gaviões da Fiel. Temos amizade também no Ceará e por aí vai.

A.C. - A questão das cores é importante aí?

L.G. - Não, pior que não. Mas a gente evita o vermelho e preto né.

R.T. - É só um aliado por estado?

L.G. - Acho que a maioria é porque, tipo assim, a maioria dos estados só tem dois times grandes, você entendeu? Ou é ou não é.

B.B. - Em Minas...

L.G. - Em Minas a gente não tem mais nenhum.

B.B. - Porque o Atlético não estava na festa.

L.G. - É, o Atlético foi mesmo por causa de que: a gente tem um rival muito forte, que é a Mancha Verde. E ela é o maior amigo das nossas aliadas. Ela é, tipo assim, a formadora de opinião, a verdade é essa. Aí ela vai no outro ali: “Pô, tu é amigo dos caras da Fúria? Eles são amigos da Gaviões”, você está entendendo?

B.B. - Faz intriga.

L.G. - Faz intriga.

R.T. - “Formador de opinião”, você já falou várias vezes...

L.G. - É, por causa de que é torcida que nego... quando nego vem pro Rio de fora “Pô, vô lá pra Fúria”, você está entendendo? É a torcida que eles espelham, você está entendendo? E é a mesma coisa, quando vai em São Paulo a torcida forte é a Mancha Verde do Palmeiras. Aí a

gente acha que a torcida Atlético Mineira foi teleguiada por eles, você está entendendo? Foi teleguiada por eles, tanto que a gente conversa com os caras hoje lá do Atlético “Pô, e aí a amizade com a Fúria?”, “Pô cara...”. O cara não descreve como sendo inimigo, eles preferem ficar... eles não são inimigos da gente. Sabe o que eles falaram para a gente? “Ah, vocês aí, a gente aqui” eles não querem... Mas eu não acho isso, eu posso ser amigo do Bernardo e não gostar da senhora [aponta para Rosana]. Por que o Vasco não faz isso? O Vasco é nosso amigo e a Gaviões é um dos maiores inimigos dele, nem por isso ele deixa de ser nosso amigo. Então acho que a pessoa tem que saber separar. E acho que algumas torcidas não sabem separar isso, ainda mais o Atlético.

B.B. - No caso do Vasco é uma aliança estratégica contra o Flamengo que seria o inimigo principal no...

L.G. - O pessoal bate muito nisso, nem é estratégica, não. Foi por causa de que, a nossa antiga Liderança Jovem Botafogo – que também estava dissidiada com o antigo presidente, o Roberto – o irmão dele era um cara muito influente na Força do Vasco. Foi ele que fez essa união. Dois irmãos fizeram essa união e se prolongou. O resto é consequência. Aí um vai no jogo do outro. Também não são amigos declarados, entendeu? São...é uma amizade que é...

R.T. - A amizade tem graus, né.

L.G. - Tem graus. Amigo, colega, chegadinho - esse aí fica de olho que pode trair em algum momento. Como o Santos traiu a gente. Na época do Real Botafogo a gente era amigo do Santos...da Jovem Santos...

B.B. - O Santos te traiu?

R.T. - Como foi essa traição?

L.G. - Foi... data vou te falar, foi em 97, não vou lembrar legal. Lembra que o Vasco massacrou eles aqui no estádio, foi uma repercussão...

B.B. - Invadiram o São Januário.

L.G. - A gente era amigo deles naquela época, mesmo lance. Como com a Gaviões. Tanto que eles ficaram no hospital, pessoal nosso ajudou e tudo direitinho. Quando nós fomos lá no primeiro jogo após isso, a gente percebeu que eles trataram a gente meio diferente. Quando nós fomos embora eles deram mais de 10 tiros no nosso ônibus, baleou uma porção de gente. Era amigo, falou “Boa viagem”, “Vai com Deus”. Sem motivo. Só apenas porque a gente era amigo do Vasco.

B.B. - A coisa da emboscada continua?

L.G. - Hoje não. A polícia melhorou muito no Brasil todo, não é? O tratamento da polícia - que acho que é largado, não é, cara? - era largado, hoje não está tão largado. Você chega em Minas e o cara te para uma hora antes do estádio, revista todo mundo e te leva até o estádio.

B.B. - Mas como é que é? Eles te ligam? Vocês ligam? Como é que é?

L.G. - Oh, passa ofício antes. Vamos jogar agora na Vitória. Ofício para botar faixa, vamos botar tudo. Tudo tem que estar pronto antes. Oh, vai levar quantas bandeiras? Vai levar surdo? Vai levar isso. E quantas pessoas vão? Onde vai ser o ponto de encontro de vocês?

B.B. - Eles cobram? Eles correm atrás de vocês?

L.G. - Cobram. Cobram. A mesa então. Na semana do jogo, domingo é Botafogo e Cruzeiro, exemplo, na segunda-feira eles ligam lá para a sede. “Aí vão viajar? Quantos ônibus vão vir?”. Oh, eu não estou dizendo que é uma polícia boa, mas que te cobra, cobra. São Paulo também cobra.

R.T. - Quais são os jogos mais problemáticos? Ou as viagens mais problemáticas?

L.G. - Pô, eu gosto muito assim... problemáticos vocês falam... Botafogo e Santos. Acabou ficando muito mais problemático depois disso. Porque é a coisa do amigo traído não é?

R.T. - Pior que o inimigo, não é?

L.G. - Amigo falso é inimigo duas vezes. Santos. Eu acho que o São Paulo é um jogo muito eletrizante, porque eles têm uma aliança muito forte com o Flamengo. Aí acaba carregando [inaudível], chega lá e tem o Flamengo lá, você entendeu? Agora assim, Nordeste, o pessoal não dá valor ao Nordeste, mas eu acho que o Nordeste é muito mais perigoso que São Paulo.

R.T. - Em que sentido?

L.G. - Em tudo. Lá nego dá tiro a troco de nada, nego mata a troco de nada. Só que não serve para cá, a gente não entende. Onde tem uma guerra forte, torcida imensa é Goiânia. Para mim é a pior do Brasil. Só que não chega aqui. Lá morre 10, morre 5. Nego vai na casa do outro e mata o outro. O eixo é Rio-São Paulo, de mídia hoje é Rio-São Paulo. Mas lá tem a Vila Nova, torcida do Vila Nova, aquilo é inexpressivo, mas com a torcida do Goiás é pior que Botafogo-Flamengo mil vezes. Você entendeu?

A.C. - Botafogo-Flamengo atualmente é a grande rixa aqui no Rio?

L.G. - No Rio acho que todas as quatro, uma entre a outra, pega fogo. Só que melhorou muito, cara. Lógico que com o pessoal do Flamengo e Vasco dava mais porque tem mais gente, mas eu acho que o jogo que tem menos gente tem mais confusão.

R.T. - Mas é possível dizer ainda que o Flamengo é assim o principal rival?

L.G. - Nosso, é o principal rival. É o maior rival. Ele joga e todo muito vai. É o jogo que quem está parado vai, você está entendendo? O cara não vai há um ano, mas, “Botafogo *versus* Flamengo eu vou”.

B.B. - Tem isso de Flamengo e Vasco o pessoal da Fúria ir, não tem?

L.G. - Tem, porque é muito simpatizante. A verdade é essa. O cara é Botafogo, mas na rua dele sai uma galera do Vasco, ele vai. E vice-versa e por aí vai, entendeu? Como eu já fui. Não sou de ninguém mais, entendeu? Até porque eles lá...já tem muito problema no Botafogo para misturar uma terceira torcida para...pelo amor de Deus. Você entendeu?

A.C. - E a relação Fluminense que é clássico vovô que é...

L.G. - É muito bom. Uns anos atrás aí com o Botafogo era direto.

B.B. - Teve aquele incidente no Méier, na sede.

L.G. - No Méier [consentindo com a cabeça]. No Fluminense.

B.B. - Ainda tem escolta da polícia em clássico?

L.G. - Tem. Tem que ter, é obrigatório. Obrigatória a escolta.

R.T. - As lideranças das torcidas têm um papel importante nesse cenário? De controlar a violência? De tentar, enfim...

L.G. - Tem. Tem. Não posso nem falar que não tem. Acontece o seguinte, a liderança hoje ela perde um pouco porque a gente faz uma reunião antes do clássico, antes do clássico. O clássico é domingo e eu tenho uma reunião com todos os meus líderes na sexta. Mas eu falo “isso, isso, vamos sair daqui”, mas o cara pode virar as costas, juntar com mais três líderes e falar “Olha só, ele marcou lá, mas antes nós três vamos não sei aonde”, você está entendendo? Isso aí funciona, é isso aí que acontece.

A.C. - E se calhar de ter uma briga, - a Diretoria está lá - o que vocês fazem? Junta na briga? Tenta separar? Ou chama a polícia?

L.G. - Não entendi sua pergunta.

A.C. - Quando tem uma briga e a Diretoria toda está lá.

L.G. - No caso da Diretoria...

B.B. - Da Fúria, de vocês.

A.C. - O que acontece? Vocês tentam apartar a briga?

L.G. - Mas brigando com o rival no caso?

A.C. - Com o rival, é.

L.G. - Eu sou daquela tese: amigo que é amigo não separa, chega dando voadora, não é? Então se for meu amigo eu vou ajudar filho. Entendeu? Tem que ser muito certo, não vou mentir. Amigo que é amigo é isso aí cara.

R.T. - Quando aconteceu esse movimento de criação da Ftorj?

L.G. - Já teve esse movimento, que era da Ftorj e, ele sabe mais do que eu aí [apontando para o Bernardo], em 80 e pouco. Um dos maiores rivais nossos que é da torcida do Flamengo, o José Maria, ele tentou... porque que o pessoal deu muito valor, porque ele era um cara que tinha uma guerra imensa com a gente, foi ele quem levantou essa bandeira e teve a humildade de chegar em mim, me ligou “a gente não se fala, mas é isso, isso e isso, isso é bom para...” e por aí foi. Ele levantou essa bandeira e me chamou, e eu através do meu conhecimento chamei o Vasco e daí do Vasco se juntou e chamou o Fluminense e tentamos levar. Não é fácil, é difícil. Entendeu? Mas estamos indo.

A.C. - Mas qual é o objetivo assim?

L.G. - O objetivo é poder brigar em nome das torcidas, do movimento das quatro. Coisa em prol da torcida, você está entendendo? Porque, foi o que eu te falei, a gente é muito cobrado, mas a gente não tem benefício em nada. Quem faz a festa somos nós, você concorda? Hoje, a

imagem que é vendida de um pay per view é a imagem da torcida. A gente não tem benefício nenhum por isso, a gente só é mais queimado pela imprensa, mais ainda. Você está entendendo? Nós temos a nossa parcela na festa, e não é pequena.

A.C. - Vocês têm interesses comerciais em vender imagem?

L.G. - Pô, não. A gente nem quer vender imagem, a gente quer pelo menos ser reconhecido como a torcida tem que ser reconhecida. Porque hoje, eu te falo, eu faço ação social, ele financia a festa, a gente doa alimento, tu acha que sai em algum lugar? Se chamar a imprensa tu acha que alguém vai? Não vai. Mas se meu componente sair da festa e bater em alguém isso vai, acaba em capa de jornal. Isso aí que a gente quer ter o auxílio até da imprensa nisso, você está entendendo?

R.G. - É uma forma, inclusive, de se manifestar como um grupo maior. Frente, inclusive, às críticas.

L.G. - Lógico. Oh, hoje a gente dentro da nossa torcida, estou na televisãozinha, no Youtube, se tiver chance de ver é “TVFúria”. A gente tem um projeto, entendeu? Tudo que a gente passa a gente tenta colocar ali. Só que não é divulgado. Se fosse um vídeo falando que ia matar já estava no Jornal Nacional. Você está entendendo? É muito complicado, eu tenho um grupo hoje muito grande. Ah tem maus elementos, tem maus elementos. Como em todo lugar tem, mas tem pessoa muito boa, que quer fazer coisa boa, quer ajudar as pessoas, entendeu? A gente tenta sempre fazer alguma coisa diferente.

A.C. - Então esse movimento não é tanto em relação ao Estado e com a polícia...

L.G. - Também. Eu vou dar um exemplo, teve uma rodada ano passado – se eu não me lembro...ano passado, isso mesmo – que jogaram os quatro clubes grandes no mesmo horário. Jogavam Botafogo vs. Flamengo no Maracanã, o Vasco jogava no Engenhão e o Fluminense jogava no São Januário. Isso aí era para ser o quê? O Rio de Janeiro ia acabar. (Risos). Não, nem o mais crente...não tem como. A Ftorj antes fez um ofício pedindo para alterar o dia de alguém, tudo quatro horas da tarde, se não ia pegar trânsito ia pegar...as quatro

ia se embrulhar aí não ia sair uma. Nós passamos o ofício direitinho, tu acha que foi atendido por alguém? Queriam vender o pay per view para a Globo, não queriam saber. Que morra quem esteja na rua. Problema de quem está na rua, você está entendendo? Aí, através da Ftorj, nós, os líderes, que fizemos o “Oh, fulano vai por ali, fulano vai por ali”, você entendeu? Se dependesse as quatro iam se encontrar. Então quer dizer, não tem interesse da mídia em solucionar o problema, tem assim, vamos punir porque dá ibope. A verdade é essa. Não vamos solucionar o problema, “Oh só, as quatro estão jogando no mesmo horário, vai dar confusão, um clássico”. Botaram o Vasco no Engenhão e o Fluminense, que sai naquela área, jogou no São Januário, então era muito complicado, foi muito complicado esse dia. Graças a Deus que não teve nenhum incidente, mas também que é uma coisa normal. Até porque todas as quatro estavam muito preocupadas.

B.B. - E agora nos próximos anos a perspectiva é que todos os jogos sejam no Engenhão. Teve esse último, que a princípio não teve incidente, teve só dificuldade do Fluminense de entrar, de filas que, parece, quilométricas, mas...

L.G. - Teve não, graças a Deus não teve incidente. É, bom, a pessoa tem que se adaptar, não adianta reclamar. Tem que se adaptar ao Engenhão, vai fechar três anos, se fechar, não é, porque não vai ter nem o Maracanã, porque nunca fecha. Que era para ter fechado janeiro, era para junho, estamos em agosto. Tem um interesse muito grande, só que a obra... vai ter que se adaptar ao Engenhão. Infelizmente. É ruim de chegar? É ruim de chegar, mas fazer o quê?

A.C. - Em relação ao Engenhão, enfim, as torcidas que caracterizam uma territorialidade muito grande no Maracanã e quando o Botafogo arrendou o Engenhão a torcida vai ter que ficar num novo espaço. Você deve ter notado isso na [inaudível] também. Eu acho que eu fui a 90% dos jogos do Botafogo no Engenhão desde que [inaudível], eu já vi a Fúria no leste superior, leste inferior, norte, sul. Enfim, como é que vocês veem essa mudança dentro da arquibancada e como é que você compara o Engenhão como palco para torcida em relação ao Maracanã e quero também que você fale um pouco da torcida, como é no Caio Martins? Que é um estádio totalmente diferente?



L.G. - Vou começar de trás para frente. O Caio Martins é uma beleza, igual ao São Genuário, não é que é pequeno, o estádio é um caldeirão, é diferente. No Engenhão não vai ter a melhor torcida do mundo que vai estar parecendo ninguém, não tem acústica. Ah, é um estádio muito lindo? Acho que é o mais bonito aí. Fica entre ele e a arena da baixada, que acho os mais bonitos, sem dúvida. Mas não é um estádio que te dá calor. Você pega o Maracanã com a mesma quantidade de pessoas é outra coisa. Te dá gosto no Maracanã. Entendeu? O Engenhão não te dá muito gosto de você curtir os jogos ali. Não te passa a mesma emoção, acho que o jogo é a emoção. Imagina jogo chato no Engenhão? Tu dorme sentado. (Risos). Porque nenhuma torcida consegue fazer barulho ali dentro. Você pode estar do lado de fora, tu não escuta lá dentro. Entendeu? O som sobe. Eu acho muito ruim isso no Engenhão.

Agora, localidade. A nossa maior guerra no Engenhão é isso. O clube tem o direito de te jogar para aonde você quiser, concorda? E todas essas manobras foram do clube tentando achar o melhor local. Começou o primeiro jogo, a gente era sul, lembra disso? A gente entrava pela Leste e ia para a Sul. Eu gostava da Sul, atrás do gol. Depois fomos para a leste inferior, não ficou legal. Depois jogaram a gente para leste superior, não ficou legal. Aí jogaram a gente para Norte, Norte atrás do gol. Aí ficou-se resumido o seguinte: a Fúria agora só fica na Norte, legal [piscadela]. Só que eles têm que vender o estádio para quem compra, o sócio-torcedor, que é onde? A leste. Só que ela sempre fica vazia. Como é que tu vai comprar num local que não tem torcida? Aí vai o jogo do interesse. “Pô, Fúria, não quer voltar para a leste?”, porque a gente tá na leste e quem vai comprar fala “Pô eu vou comprar ali, só fica cheio”. Você está entendendo? É o jogo do interesse. Só que eu acharia legal, a gente, nos clássicos também ficar na leste. Porque a leste é onde está a televisão.

A.C. - E como é que vocês veem essa coisa de...Maracanã é campo neutro né? Sempre foi. Clássico é meio a meio e Engenhão é do Botafogo, São Januário nunca é meio a meio. Engenhão é, por quê? Como é que vocês veem essa...

L.G. - Porque acho que o Botafogo, politicamente, eu acho ele fraco. Porque se você jogar no São Januário ele vai dar mil ingressos e vocês se virem. No Engenhão, não, no Engenhão...

A.C. - Você não reivindica para...

L.C. - Menino, menino, menino, menino, menino [fazendo sinal para parar]. Vai até ajudar a Diretoria agora, se eu não me engano, pela lei do estatuto do campeonato, 10% tem que ser para a torcida adversária. Só que o Engenhão é 40.000, cara, 10% é 4.000. É a sul toda. É a sul toda, mas quando é só a sul toda, tudo bom. Mas aí eles negociam, não é, cara. E eu acho que, tipo assim, o Botafogo tem muito interesse em vender o Engenhão após o fechamento do Maracanã e o Flamengo deu sinal que não jogaria no Engenhão. Sinalizou que poderia jogar em outro lugar. E nisso aí nego abre as pernas para quem fica lá né, porque eu acho que o que vai ajudar o Botafogo são os outros jogos lá, Botafogo, Vasco, Fluminense...e o Flamengo sinalizou não querer ficar lá. Entendeu? Ah, por isso aí. Complicado.

A.C. - Como é que a torcida vê essa situação?

L.G. - Odeia.

A.C. - Não tem o sentimento do estádio ser do...

L.G. - Não tem, até porque o estádio nem é customizado como do Botafogo. Isso aí é piada também. Não tem nenhuma cor preto e branca que você fala assim “Ah”.

A.C. - No Maracanã não tinha também.

L.G. - Mas é neutro. O Engenhão é nosso. No mínimo tinha que ter. E no Maracanã quando a gente perdeu ficou tocando música do Flamengo no autofalante, mentira? Ainda tem que escutar aqui no teu ouvido. Perdeu? Aí eu falei “é o cúmulo”. Entendeu? Isso aí que eu acho que peca. A gente foi lá no clube, pediu que...você vai no estádio do Sul, do Grêmio, do Inter, os caras têm uma bandeira no clube, um mastro incrível. Já viu? É um mastro gigantesco com uma bandeira pendurada. Eles não têm condição de botar um mastro. Pelo menos para o pessoal passar no carro e olhar, “Pô, estádio do Botafogo”.

A.C. - Mas tem estátuas ali do Nilton Santos...

L.G. - Tem, mas eu acho que isso aí é muito pouco. É muito pouco. No mínimo...já foi no Morumbi? São Paulo, cara, no [inaudível] tem um escudo gigante, o estádio é todo vermelho. O [Malto]<sup>3</sup> sabe que está no estádio de São Paulo. Porque daqui a pouco quando começar a emprestar esse estádio aí, aí que a gente não vai saber que é do Botafogo mesmo. Eu acho que se não customizar, cadeira azul, bota pretas e brancas as cadeiras, filho. É do Botafogo. Ele não tenta mostrar... E tudo é “cara, ah, não pode”. Eu acho que tinha que fazer um esforcinho. Isso atrai mais, não adianta. É a nossa casa.

A.C. - Para a torcida, economicamente, foi bom ou ruim ter saído do Maracanã?

L.G. - Acho que para todo mundo foi ruim. Ruim. Maracanã é muito bem localizado. Se acostuma, uma coisa que tem...quantos anos o Maracanã tem?

B.B. - 60 anos.

L.G. - Então com 60 anos você passar para uma novidade, vai ter divergência. Isso aí é normal. Quem sabe daqui a uns 5, 6, mais 10 aninhos o pessoal fale “Não, eu gosto do estádio”. Eu já acostumei com o Engenhão. Já me acostumei com o Engenhão. Mas Maracanã é melhor, não é, cara?

A.C. - E no Engenhão você já percebeu alguma mudança na composição da torcida? Não digo só na...

L.G. - A torcida está péssima. Está péssima.

A.C. - Não, mas assim, de gente nova chegando. Gente daquela região.

L.G. - Cara, pô, eu nem vejo tanta mudança. Eu acho que o pessoal fica mais difícil de ir para o Engenhão. O pessoal não vai com tanta força como vai para o Maracanã. Até pessoa da zona sul mesmo.

---

<sup>3</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

A.C. - Está mais difícil de chegar no Engenhão que para o Maracanã.

L.G. - Entendeu? Aí o pessoal “Ah” [desdém]. Eu achei que a linha amarela ia ajudar, mas não ajudou muito, não. Mas, complicado. Quantas vezes que o Engenhão encheu? Lotou? Foi só contra o Havaí, que, nem o estádio esperava aquilo, não conseguiu botar todo mundo para dentro, deixou maior galera do lado de fora. Acho que teve uma semifinal contra o Corinthians, primeiro jogo. Só. Maracanã é diferente, cara, é outro apelo. É outra coisa.

B.B. - Noy, eu quero que você comente alguns... para a gente fechar - se alguém quiser colocar mais alguma coisa - eu quero que você comente alguns casos delicados que aconteceram na história da torcida ou incidentes no Rio de Janeiro que foram, que tiveram uma difusão. A morte do Rafik, naquele jogo do Flamengo em Volta Redonda, na estrada, quando um ônibus ficou enguiçado e teve aquele episódio. É, o jogo do Botafogo contra o Fortaleza, se não me engano foram dois mortos, teve a escolta até a ponte Rio-Niterói, depois teve esse problema. Até você trouxe aquilo do Nordeste, que a gente pensa como o Botafogo e o Fortaleza vão ter um problema num jogo desses? Não imagino que possa vir a ter. E mais recentemente a morte do Germano, no jogo de basquete, um torcedor histórico da Jovem do Flamengo. Queria que você comentasse esses temas mais delicados que resultam em morte, que a gente sabe que está nos bastidores, está nas conversas em *off* das torcidas.

L.G. - É uma coisa muito complicada, não é, cara? Você vê, é muita gente. Você perde o controle, a verdade foi essa. No caso do Rafik foi um... eu vejo hoje até... a torcida foi culpada? Foi. Totalmente culpada. Quem participou foi culpado. O culpado está preso, mas o erro foi da polícia. Gravíssimo, o erro gravíssimo. Só que quando a bomba estoura não segura. O ônibus chegou lá, não deixou entrar nem na cidade. O capitão de lá não deixou entrar nem na cidade. Mandou os ônibus voltarem. Só que mandou o nosso e todos do Flamengo voltarem. Só que calhou do nosso enguiçar. Obra do destino. Enguiçou na serra ainda. E o ônibus do Flamengo estava indo com major, com o major Marcelo, ele que estava à frente do comboio. Só que achou que ia segurar. Ninguém segura quinhentas pessoas. Ninguém segura. Tu vai atirar em quinhentas pessoas? Não vai. [Inaudível] Então foi um despreparo. Adoro o major Marcelo, tenho uma relação muito boa com ele, mas acho que ele ajudou a vacilar. Porque ele foi avisado. O presidente da época ligou para ele e falou “ Major,

o ônibus da Fúria enguiçou no meio do caminho”, “Pode deixar”. Então, ele tinha que falar, “pode deixar”, depois que o garoto morreu. Só que ninguém fala, entendeu? Tudo bem que se empenhou para prender o garoto, mas foi uma vida que se perdeu. Entendeu? A gente fica muito triste, muito magoado até por causa disso. Se não fosse avisado, fosse uma coisa do destino “Ah, passou ali”, não foi. Isso aconteceu, o ônibus enguiçou, os garotos ligaram para a diretora da torcida, ligou lá “Capitão Marcelo, o ônibus do Botafogo...”, “Não, está comigo”. Só que não segurou. Foi feito um ato aí de covardia e aconteceu né. Mais um para a estatística. Infelizmente.

B.B. - E o caso do Fortaleza?

L.G. - O caso do Fortaleza foi uma sequência, não é? Foi o jogo lá, houve um problema lá. Normal. Que não teve uma arma de fogo, não teve nada mais, a porrada comeu...

B.B. - Mas tinha a ver com a relação com a torcida do Ceará?

L.G. - Sou muito amigo do Ceará. Muito, muito amigo do Ceará. Aconteceu porque era rival, aconteceu lá. Eles vieram para cá, eu cheguei a ver o ônibus deles, era um micro-ônibus. Eu lembro até que eu fui embora cedo esse dia. Eu vi o micro-ônibus do Fortaleza, aí eles estavam todos lá dentro olhando, meio escabreados. E realmente a galera foi para o confronto, só que a história também não é essa como nego pinta que aconteceu. Quem deu o tiro primeiro foi eles, matou um rapaz do Botafogo. Foi um ano terrível. Foram dois meses após o negócio do Rafik. E uma atitude acaba provocando outra, a gente ficou com um garoto preso aí, inocente, 8 meses...foi para júri popular. Entendeu? Mas graças a Deus foi absolvido. Só que é muito complicado, foi o que eu falei, toda ação tem que pensar muito porque as consequências são muito grandes. Entendeu? Tem que ficar muito preparado porque o pessoal vai na emoção, entendeu? E foi o que eu falei, nem todo mundo...calhou de morrer de lá, o presidente do Fortaleza. Isso gera problemas até hoje. O cara era muito querido no estado dele, ele era uma pessoa de uma família conceituada e isso aí rendeu. Rendeu. Eu cheguei na delegacia no dia, de noite, entendeu? Vi todo mundo do Fortaleza lá. Consequência né, porque infelizmente quem mata, morre. O cara, para matar uma pessoa, tem que pensar muito. Entendeu? Infelizmente matou uma pessoa inocente, porque torcida

tem muito isso, não é? “Ah foi brigar, foi brigar na mão”, ele foi recebido a tiro, não é. Deram um tiro certo no menino e nem todo mundo reagiu da mesma maneira.

B.B. - E o caso do German?

L.G. - O do German, mano, eu não tenho muito o que falar porque foi o Vasco, não é, cara? Foi o Vasco...

B.B. - Mas disse que na época tinha um...

L.G. - É, tinha um integrante nosso, mas foi...ele era da casa, foi preso junto. Mas falar do caso do Germano não tem muito o que falar. Eu falo do que eu sei, do que eu vivi. Não tenho muito o que falar. Eu conheci o torcedor, ilustre, antigo da torcida deles lá, mas foi aí. Estava na guerra, filho. Não era santo. “Ah, morreu, tadinho, passou ali” ... não foi isso. Sou muito nessa aí. O cara tem que estar ciente do que vai participar, mas foi o que eu te falei, as coisas mudaram muito, nego hoje vai até o extremo.

A.C. - Você falou muito da emoção, coisa da emoção...

L.G. - Foi como meu pai. Meu pai que não é acostumado a estádio ele me falou isso. Ele falou “Porra, o que eu vejo como as pessoas ficam, emoção que se extravasa”, você que trabalha, que vive com a emoção, é muito complicado.

R.T. - E o risco faz parte?

L.G. - O risco faz parte. Ninguém é inocente, ninguém...sabe “Ai, tadinho”. O caso do garoto, o caso do garoto é esporádico, um garoto assim é esporádico. Foi lá, o ônibus enguiçou. Não estava esperando, não tinha tocaia para ninguém. Você está entendendo? Morreu um garoto que a gente nem conheceu direito. Deus o tenha. Você está entendendo? Morreu uma pessoa que não tinha nem vínculo com a torcida assim “Ah”. Aí que você fica com mais pena ainda, você...sabe “Pô, realmente, foi uma pessoa inocente”. Nego se aproveitou...

A.C. - Sobre a emoção do jogo ainda, não é suficiente para...o que faz assim...ter uma emoção além do jogo...

L.G. - Cara, por causa de que, é isso que eu te falo. Tem o cara assim, muito futebol, tem o cara que joga pela torcida. É o meu caso, cara, [inaudível] muito apaixonado por isso aqui<sup>4</sup>.

R.T. - A torcida é tão importante quanto o clube.

L.G. - É.

B.B. - Se não for mais.

L.G. - Se não for mais. [Risos]. Ontem [inaudível] ficou com raiva falando “Pô, eu gosto muito, muito.” Entendeu? Aí, nego tem isso aqui como uma camisa. Você está entendendo? Nego é fogo, cara.

R.T. - E participar é uma questão de honra também? De honrar esse...

L.G. - O cara não vai ver a torcida do Flamengo e vai sair correndo. Não vai. Só que ele não sabe aquela consequência dele ali, ele pode matar ou morrer. Infelizmente é isso. Entendeu? Sabe o...

A.C. - Todo mundo que está na torcida tem essa...tem essa consciência...

L.G. - Tem muita gente no embalo. Fazem tudo no embalo. Nego não sabe o grau da periculosidade que é... e nem sabe que...é de repente, é de repente. Está tudo tranquilo depois...puff. Foi o dia do que você falou da briga do Fluminense, que teve a invasão da sede e o caramba. Se você chegar hoje para o cara do Fluminense você vai “Fúria foi lá invadir?”, “Não foi”. Foi coincidência do destino. A gente estava indo para o jogo e encontrou o Fluminense de cara. Eles saíram da rua...a gente sabia que ia passar na esquina, mas que a gente foi lá, mentira.

---

<sup>4</sup> O entrevistado bate no coração, em cima do símbolo da Fúria Jovem de seu casaco.

B.B. - Você estava nesse dia?

L.G. - Estava. Aí o acaso coloca. Nem eu acreditei que era [inaudível] do Fluminense. Que a gente foi lá, reuniu todo mundo, foi no nosso caminho...a gente sempre passa ali na beira da esquina da rua. Quando passou, tipo assim “oh, marcou horário” ... marcando o horário, esse negócio de marcar horário não existe. Até estava falando com a polícia, não existe. Eu não vou marcar um negócio sabendo que eu posso morrer. “Ah, está bom, vamos se encontrar e vamos brigar até a morte”, pelo amor de Deus! [Risos] Não é possível que alguém acredite nesse história. “Oh, amanhã, vamos...”, pelo amor de Deus! Eu não vou. E isso aí, o que mais me dá raiva quando eu vejo esses comentários “Não, eles marcaram um duelo pela internet”, falei “gente, não existe”. Ninguém é idiota! Eu não vou marcar com alguém do outro time rival e vamos brigar ali no tal lugar. Daqui a pouco o cara puxa uma arma e me mata.

A.C. - Mas nenhuma briga é planejada?

L.G. - Não. Não existe briga planejada. Existe locais de conflito. Há quantos anos você sabe que a porrada come na Praça da Bandeira? Impossível que a polícia não sabe. Desde que eu sou criança. Leopoldina, desde que eu sou criança. São os mesmos lugares.

A.C. - Mas mesmo no Maracanã, com a invasão das salas...não houve nenhum planejamento?

L.G. - Não tinha nem internet, filho. [Inaudível] Nem celular tinha. Nego marcar...você está entendendo a coisa? Só que a imprensa coloca isso, [inaudível] ainda, chamou todas as torcidas, chamou todo mundo de marginal, aí mostrava os orkuts, que não sei o que... cara, orkut, nego está em casa, não foi nem para o jogo. Um dia eu estava no orkut, vendo negócio de torcida, descobri que o cara tinha um fake, que o cara morava na França. Mas já morou aqui. Pô, pelo amor de Deus. O cara dizia que matava todo mundo, que batia. Então, a imprensa pega aquilo ali e joga, pega aquilo ali e joga. Aí o cara que está ali em casa vai achar, “realmente, meu filho vai ficar no computador...marcar várias...”. Não existe. Ninguém vai marcar uma briga duas horas no Aterro, cem contra cem. Não vão marcar, não é, filho. Cem de pau, o outro cem de revólver. Não vai. Isso eu acho a maior maluquice dos últimos



tempos, mas se implantou isso aí e ninguém consegue tirar. Morreu um cara ali... “e foi marcado...”. Pode reparar. Um dia depois...”ele foi marcado pelo orkut”. Pô, bicho...

R.T. - A cada novo caso, a cada caso que acontece é um pouco que na mídia venha...

L.G. - Volta tudo...

R.T. - Volta e volta com intensidade. E há sempre uma interpretação dominante que é a ideia de que está aumentando. Está cada vez pior. Isso é real hoje? Como é que você analisa hoje, quer dizer, as torcidas em relação a esse passado a sua história, enfim...

L.G. - Eu não acho. Eu não acho que está pior, não. Antigamente a gente nem podia sair de blusa. Quando você vai passar ali vai passar um moleque com a blusa do Flamengo...pode ser da torcida do Flamengo. Hoje as coisas estão diferentes. Ah, eu acho o pessoal hoje mais violento, violento eu quero dizer assim...ah, hoje todo mundo sai para a luta, você está entendendo? Hoje a briga é mais feia assim que se encontrar, mas eu acho menos violento. Hoje nego atura qualquer coisa. Antigamente um cara da Fúria não ia nunca ver um cara com a camisa do Flamengo na rua e não ia cair na porrada. Hoje ele vê um cara com a camisa do Flamengo e não está nem aí, não é dia de jogo. Você está entendendo? E como eu te falei, mulher sai, criança sai, eu saio com a minha roupa. Não tenho problema nenhum, graças a Deus. Por mim pode passar mexendo comigo, eu também não estou nem aí.

A.C. - O dia a dia é muito diferente.

L.G. - Aí a essência é outra. O cara também, em dia de jogo, todo mundo reunido, “Vou passar lá”.

A.C. - E a questão dos troféus, as faixas tomadas, bandeiras...

L.G. - Até isso caiu um pouco, ninguém dá tão mais mole. Ninguém dá mais mole. Não tem esse negócio de tomar camisa da outra rua, que eu nunca fui disso. Ah, gostava de confusão? Gostava, mas nunca fui lá roubar camisa dos outros. Isso aí para mim é a maior idiotice que

inventaram nos últimos anos, mas faz parte da história das torcidas. Mas roubar faixa, esse negócio aí, torcida do Vasco e Flamengo são campeãs, não é. Uma roubando a outra.

A.C. - Tem uma salinha onde eles guardam?

L.G. - Tem, nego. É como eu falei, todo mundo...o pessoal tem mais medo. A torcida nossa, a única coisa que ela tem escola é para levar material. [Inaudível] aquilo ali está morto. Entendeu? Ninguém quer perder. Ninguém quer perder material nenhum, bandeira, faixa...perder uma bandeira hoje...

A.C. - Aquele jogo contra o São Paulo do ano passado...

L.G. - Que os caras foram lá e pegaram da Loucos?

A.C. - Aconteceu alguma coisa depois?

L.G. - O quê? Perdeu, filho. Perdeu. A Loucos perdeu quatro bandeiras. Achou que os caras iam devolver, eu falei “não vai devolver”. E foram os caras da Loucos que foram atçar os caras de São Paulo. Se não...

A.C. - Eles passaram ali atrás...

L.G. - Se não tem não faz trato com. Não é de briga, para que que foi lá atçar os caras? Tinha uma grade, ficaram lá zoando os caras. Os caras deram um pisão e arrebentaram a grade. Todo mundo de cara no chão. Os caras entraram e roubaram tudo. (Risos). Aí foram lá na Fúria “Pô, roubaram a gente”. Quando me contaram eu falei “também, não é, filho?”. Viram os caras passar e ficaram xingando, quando dois, três deram uma voadora o portão abriu, ninguém contava que o portão ia abrir. Abriu o portão...eu te falei. O jogo do Botafogo vs. Guarani, pegaram a faixa do Guarani. Aí tinha uma torcida igual a Loucos, aí eu mandei devolver. Para gente amigo [batendo as mãos num sinal de “tanto faz”]. Não interessa, você está entendendo? Mas é isso, se o cara estiver...é teu patrimônio. Vou lá para Vitória agora,

vou com uma faixa debaixo do braço, já pensou eu voltando na segunda-feira “aí, me tomaram”.

A.C. - Isso repercute nas outras torcidas?

L.G. – Acabou, filho. É tipo... perdeu um ponto no ranking. Perdeu um ponto feio. Antigamente era estratégia para roubar. Eu me lembro que a torcida do Vasco já foi lá no Flamengo, roubaram todo mundo do Flamengo, filho. Guardavam numa casa em frente do Maracanã... “Tia, tudo bem? Viemos buscar o material”, outro dia aí, nego diferente... “Pode entrar”, levaram tudo. Tudo! Surdo, tudo. Levaram tudo.

R.T. - No passado havia operações fantásticas, não é, o roubo da bandeirão do [Ed]<sup>5</sup>...

L.G. - É, fazia megaoperações, não dava mole. Só se tirasse de debaixo da minha cama. Antigamente eu não dava mole, guardava na casa dos outros. Um jogo ia o Bernardo buscar, outro jogo ia Fulano. Os caras paravam com uma Kombi, todo mundo com o boné do Flamengo... “pega lá, vieram cedo hoje, não é?”. Encheram o caminhão e levaram tudo. Depois que levou já era, ninguém devolve.

B.B. - Essa eu nunca conhecia, essa história.

L.G. - Foi, levaram.

A.C. - Esses bandeirões patrocinados, não sei nem se o clube não ajuda, mas tem camisa com patrocinador, FILA...

L.G. - As camisas que têm patrocinador, o patrocinador ajuda. Geralmente patrocinador ajuda.

A.C. - Ajuda?

---

<sup>5</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

L.G. - Ajuda. A gente não tem. Já viu a branca da FILA? Não é nossa, a gente não estica ela. Entendeu? Foi a FILA que fez, mas...

A.C. - Fica com a empresa, não?

L.G. - Não. Fica com o Botafogo, é o Botafogo que bota. Não é a gente que coloca aquela. Entendeu? É. Bandeirão é muito caro, cara. Para fazer um bandeirão bom é uns 20.000, 30.000 reais. Entendeu? Tem bandeirão que é de 50.000.

A.C. - Como é a renovação das bandeiras? Qual é o tempo médio da bandeira?

L.G. - Com pisca-pisca, filho, é um mês. Aquilo lá é a desgraça da torcida organizada. Tu faz uma bandeira hoje e amanhã furou quatro buracos, e aí? Acho que vai proibir agora.

A.C. - Vocês têm algum registro histórico das bandeiras? Que foram famosas, ou...

L.G. - Cara, isso aí é uma falha nossa. Hoje, graças a Deus temos o veículo da internet, não é, cara? Aí todo mundo tira uma foto digital. Hoje é muito mais fácil você colher algumas coisas que antigamente. Entendeu? Hoje eu tenho um cara no meu orkut, [inaudível] me adicionou *torcidadasantigas*, se não me engano. O cara tem 8.000 fotos cara, 8.000 fotos! De torcida do Brasil todo. Eu falei “Onde ele arrumou tanta coisa”. Tu vê que o cara é fanático. O cara tem do primeiro ano da Fúria, tem de geral do Botafogo, da Young, já viu? Muito! O cara tem um acervo forte.

A.C. - E quando vocês fazem uma bandeira, qual é, enfim, vocês homenageiam perante a torcida em si, mas tem o clube também, tem os ídolos...

L.G. - É, a gente não homenageia muito os ídolos. A gente deixa para as outras torcidas. Entendeu? Mais o Garrincha e o Nilton Santos, que a gente homenageia sempre Garrincha e Nilton Santos. O restante, que eu vejo muito aí, que o pessoal da BotaChopp faz, a gente geralmente fica mais na torcida mesmo, viu. Bota o símbolo lá da nossa torcida ou algum

integrante nosso que veio a falecer, que a gente tenha muito carinho, entendeu? Eu tenho duas lá de dois integrantes nossos. Que eu mando fazer, é mais caro, mas fica bonito.

A.C. - E os jogadores assim, eles participam?

L.G. - Ah, tem aqueles que são [inaudível] de festa né. Que sempre estão no clube, sempre estão ganhando.

A.C. - Maurício...

L.G. – Pô, que bom que você falou. Não fui eu quem falei. Está sempre lá no clube. Eu tenho um carinho especial pelo Maurício, o cara ele está sempre aí, não é igual ao Túlio. Também tenho carinho, mas é difícil a gente ver o Túlio.

A.C. - Ele está em atividade.

L.G. - Está em atividade. Ele não aparece sempre, não é?

A.C. - O pessoal de 89, teve esse lançamento de 21, depois de 21, vocês têm contato?

L.G. - Só com o Maurício mesmo. Só com o Maurício. Eu tenho um contato maior com o Maurício.

A.C. - Qual é o status de 89 para a torcida?

L.G. - É, vamos dizer assim, a torcida nossa, Fúria, foi fundada acho que 21 anos após – 21 anos? Estou falando besteira ou não? 89, 99, não...

B.B. - 12 anos.

L.G. - 12 anos, mas foi na data de 21...

A.C. - Foi na data? Foi pensado?

L.G. - Foi na data. Foi, foi pensado. O livro foi assinado na data de 89, que foi um marco. Foi um marco. Na vida do Botafogo foi um marco. Entendeu? E isso aí eu acho que vai estar presente sempre, não é? Na vida de qualquer botafoguense.

A.C. - Você estava lá?

L.G. - O quê? Em 89? Não, não estava. Infelizmente não estava, queria ter estado. Mas faz parte, não é, a gente...uma partida muito boa para o Botafogo.

B.B. - O do Brasileiro você estava?

L.G. - Estava. Em São Paulo. No Brasileiro eu estava.

A.C. - Foi complicado?

L.G. - Foi o que eu te falei, como é que pode, eu não me lembro. A gente não levou 8 ônibus, não foram 7 ônibus. Foi pouca gente. Como a torcida mudou tanto. Contra o Corinthians, Botafogo levou 16, 18 ônibus. Hoje se a gente fosse para uma final seria coisa de louco, porque mudou muita coisa, não é? A estrutura do Botafogo mudou muito. Cresceu muito com o tempo. Antigamente, Botafogo vs. Flamengo a gente ia com 3 ônibus. Feliz da vida. Hoje a gente vai com 10 ônibus. Entendeu? Cresceu muito o público do Botafogo.

A.C. - Tem crescido assim...

L.G. - Não são frequentadores assíduos...

A.C. - Zona sul, zona norte, zona oeste...

L.G. - Já acho que mais que a zona sul tem o público dele botafoguense, mas acho que cresceu mais para baixo. Botafogo, aqui tem a galera dele que é a...

A.C. - Porque tem esses estereótipos da torcida, Fluminense são a elite, povão é Vasco e Flamengo...Botafogo seria aquela classe média...

L.G. - Cara, eu acho que isso aí, em termos de organizadas eu acho que é meio mito. Povão tudo bom, mas torcidas organizadas, não. Lá tem tudo que é lugar.

B.B. - Qual é o canil mais forte hoje?

L.G. - Cara, e gente tem uma galera boa em Niterói. Niterói tem vindo com dois ônibus, sempre. Você entendeu?

A.C. - Isso é por causa do Caio Martins?

L.G. - Não, porque, imagina, Engenhão-Niterói. Tem que estar gostando muito filho. Entendeu? Tem que estar gostando muito. Pessoal da baixada também é uma galera forte, sempre presente. Entendeu? Tem Jacarepaguá, uma galera boa, sempre estão, assim, como uma quantidade boa.

A.C. - Tem uma bandeira, não é, que eu acho bem melhor, acho que o crocodilo da...

L.G. - O jacaré, é do jacaré. Foi lá os caras da favela que pediram para fazer.

A.C. - Lá de Jacarepaguá?

L.G. - Não da galera do Jacarezinho. Jacarezinho, da favela mesmo. Os bandidos lá são botafoguenses e eles pediram para a gente fazer o jacarezinho da Lacoste. Lá chama atenção porque é verde, o jacaré é verdão. Engraçado que a gente não levava fé nessa bandeira.  
[Risos]

A.C. - Causou impacto.

L.G. - Causou. E eu não tinha expectativa nenhuma, entendeu? Fizemos por fazer. Ah, tem que fazer, pediram, tem que fazer.

A.C. - Como é que é essa relação pediram, tem que fazer?

L.G. - Bom, foi através de um componente, os caras queriam fazer, pediram para fazer a bandeira do jacaré, vou falar que não?

A- Tem componente que faz parte de...?

L.G. - Não, tem componente que mora em comunidade, fazer parte é diferente. Morar em comunidade uma galera mora. Aí ele veio falando, 'oh, os caras querem uma bandeira com jacaré, uma bandeira com jacaré, uma bandeira com jacaré, uma bandeira com jacaré'. Aí fizemos, e a bandeira bombou. Também, uma bandeira do Botafogo com um jacaré verde da Lacoste. [Risos] Chega a ser engraçado. Todo mundo comentou no jogo que a gente lançou ela. Chama a atenção, porque é muita bandeira preta e ela é branca com desenho verde.

A.C. - Como é que vocês veem o lema do amarelo que está surgindo de novo? Na Mancha, o movimento da Mancha Negra que está surgindo?

L.G. - O quê? Com a amarela? A gente utiliza um pouco também, não utiliza muito, mas sempre que a gente pode a gente coloca uma estrela amarela que a gente tem no nosso símbolo. Entendeu? Mas não usa muito, não, o BotaChopp usa mais, eles usam muito amarelo. Mas a gente tem que diversificar, porque até para fazer material fica difícil, preto e branco. Não tem criatividade. Entendeu? A gente tem que ser muito criativo, pegar o amarelo, bota o cinza um pouquinho, friso. Mas o preto e o branco têm que ser predominante, no nosso caso o preto.

A.C. - E a questão dos mosaicos aí? Ano passado começou essa coisa de mosaicos no Fluminense, aí teve, pela internet né, os botafoguenses falando “mosaico é o caramba, o negócio do Botafogo é fazer bagunça”. Então, foi uma opção não fazer mosaico para se diferenciar?



L.G. - Não, o nosso problema é o Engenhão, cara. No Engenhão fica muito difícil fazer mosaico. O Engenhão estava com público constante, primeiro, tem que ter público, para fazer mosaico tem que ter público. No Engenhão não tinha como fazer, ninguém vai fazer mosaico. Só pegar uma sul cheia...e a nossa ideia, tipo assim, ficou muito assim “mosaico, mosaico, mosaico” e nego achava obrigação que a gente tinha que fazer. Vamos segurar, porque a Fúria é torcida de primeira, olha a nossa função, é de primeira, é torcida de guerra e é a torcida que tem que fazer as coisas. Todo time tem isso. Ah, Fluminense a Young é de guerra, mas quem faz é a Legião. No Flamengo a Jovem é de guerra, mas quem faz é a Urubuzada. Lá a gente tem que fazer tudo, bater lateral, gol e agarrar. Você está entendendo? Não tem. E se a gente não fizer, ninguém vai fazer. Entendeu? E a gente decidiu na época não, e a gente começou a fazer trabalho com as fumaças, só que já proibiram.

A.C. - Já proibiram?

L.G. - Já proibiram.

A.C. - Aquela festa Black Hell, foi a Fúria?

L.G. - Black Hell. Não, aí foi um grupo que tinha uma galera da Fúria que ficava no Black Hell. Entendeu? Mas só que aqui é muita coisa proibida, entendeu? Porque o nosso [inaudível] é trabalhar com essa parte. E agora, acho que no jogo do Fluminense, um garoto foi queimado com fogos, aí que vai ficar mais difícil ainda. Entendeu? Você foi no último jogo do Palmeiras no ano passado?

A.C. - Fui.

L.G. - Foi, maneiro, maneiríssimo. Muita fumaça, fumaça mesmo, preta, preta, preta, amarela, muito, muito, o jogo atrasou para caramba.

B.B. - Tem esse ranking moral das torcidas, em nível internacional tem? Vocês têm referência...

L.G. - As pessoas falam muito das torcidas inglesas, não é, cara, mas eu vejo também que tem as torcidas da Turquia que são...eu vejo assim como mais violentas que a da Inglaterra. Entendeu? Porque eu acho que na Inglaterra já reprimiram muito, por isso que está mais devagar, mas que na Turquia o bicho pega. Entendeu? A torcida do Fenerbahçe.

A.C. - Mas vocês têm contato com torcidas assim, uruguaias, argentinas... Copa Sul-Americana?

L.G. - Não. Até que o Botafogo acaba participando um pouco disso aí. Eu estive no ano passado em Botafogo vs. Estudantes, eu fui lá, mas contato zero.

B.B. - Tranquilo para entrar? Para sair?

L.G. - Meio esquisito, meio embaçado. [Risos] Meio embaçado.

A.C. - Dava para usar de uniforme?

L.G. - Não, eu vou de uniforme. Eu vou. Se eu não for, o presidente da torcida. Não vou de uniforme, estou morto! Que exemplo que eu vou dar? Não, vou de terno porque aqui é sinistro. Mano, a gente foi lá, ficou uma hora sentado, aí eu falei “Pô, eu queria comprar”...a gente foi num posto de gasolina comprar um refrigerante e o cara “Não, não vai, não”, o policial, “Não, não, é perigoso”, eu falei “Por quê?”.

B.B. - Vocês foram de avião?

L.G. - Fomos de avião. A comitiva foi de avião.

B.B. - Quantos componentes?

L.G. - Teve uns 12. Entendeu? Foi bom, foi bom. É legal assim conhecer um lugar diferente.

R.T. - Você se imagina sem esta adrenalina? Vai ter um dia que vai dar para aposentar? A paixão vai ficar...

L.G. - Eu tenho que aposentar. Não deixar de ir aos jogos, mas eu já botei na minha cabeça que está bom já.

R.T. - É?

L.G. - É, não é que está bom. Eu vou ajudar, mas sem ter a obrigação de ir, entendeu? É chato você ter obrigação. É um trabalho, não é, cara? Tenho obrigação de ir, no domingo, Botafogo e Vitória, tem que ir. Nem sempre você quer ir, entendeu? Vitória é mole, Salvador é mole, mas tem umas trevas aí que é terrível filho. Terrível. Tem umas que não dá, não, filho.

A.C. - Você sente medo?

L.G. - Não, medo, não. Mas tem lugar que é chato, não é, cara? Tem lugar que não tem nada. Imagina o gosto, cara, vai para o Engenhão para ter medo, mas tem que vir, é praia, é gente bonita, você está entendendo? É outro ar, quem não quer vir para o Rio de Janeiro?

A.C. - Sim, mas, tem jogos, viagens, que dão medo assim mesmo? Que tem aquela antecipação, vai acontecer coisa ruim...

L.G. - Pô, medo, cara... Não, lógico, a gente tem que sempre ficar preocupado. Não tem erro de ficar preocupado, mas eu sou aquela pessoa que...eu gosto da adrenalina. É diferente, eu gosto da adrenalina, eu me sinto bem...eu acho que eu me sinto mais confortável com a adrenalina. E é até estranho se o negócio estiver muito parado, tipo assim, jogo do Vitória...é esquisito, filho. O lugar é esquisito. Se não me engano, um dos piores estádios para ir. É um dos piores. O campo é no meio da favela.

B.B. - E a torcida do Bahia vai dar uma força?

L.G. - Sempre dá uma força, entendeu? O campo é no meio da favela. Não é por causa da favela, não, é porque é mal localizado. Você tem uma rua que é favela de um lado, favela do outro, você está entendendo?

B.B. - Mas, por exemplo, vocês vão de avião, vocês vão chegar no aeroporto, vão falar com os caras, vão se encontrar e vão juntos?

L.G. - É, separadamente estão indo mais de 30 pessoas para o jogo domingo. Tem uma galera boa. Porque lá a gente convoca todo mundo.

A.C. - Tem canil lá?

L.G. - Tem. Tem, mas não tem aquela força, não é? [Inaudível] ajudar com o pessoal da Bahia, já alugamos um ônibus, já está tudo alugado.

A.C. - O que, 10 pessoas lá?

L.G. - É, [inaudível] os botafoguenses de lá, entendeu? [Inaudível] Tentando fazer um grupinho, mas a gente tem uma galera boa para ir domingo.

A.C. - E para eles fazerem faixa tem que pedir permissão?

L.G. - Sempre. Senão, ele perde a faixa.

A.C. - Se aparecer uma faixa sem permissão o que acontece?

L.G. - Pô, cara, eu sou muito de conversar, não é? Não pode, não é. Sabe por causa de quê? Essa faixa aí...”fiz sem permissão”...e se ele vai embora e alguém rouba a faixa dele? É da Fúria cara, o nosso nome está em jogo.

A.C. - Eu lembro que eu fui uma vez no de...Paranaense vs. Paraná, em 2004. Eu fui na sede da Fanáticos lá e fiquei muito impressionado porque tinha vários cartazes assim: torcedor

oficial, não compre material pirata da torcida. Não era nem o clube fazendo isso, era a torcida pedindo para não comprar material pirata da própria torcida.

L.G. - É, porque aqui, se alguém pegar no caminhão nego mete a porrada. Não dá não, não é? Pessoal é mais devagar. Aqui você pode passar na Uruguaiana...”ih, material da Fúria vendendo”...liga para a gente, a gente vai lá, quebra a banca e não vai vender nunca mais. Os camelôs daqui tem medo, filho. Sabe o que eu vou fazer [inaudível]. Não vai.

A.C. - Qual é a importância no balanço mensal da venda de material?

L.G. - O Botafogo é muito pelo time, eu não sei... Nego fala muito bem do Flamengo, tem esses negócios, altos e baixos, não é, cara? A gente só vende bem se o time estiver bem, se estiver mal, filho, não vende nada. Não passa na sede nem para falar boa noite. Entendeu?

B.B. - Bem, acho que a gente pode encerrar? Podemos? Noy, quero te agradecer muito pela sua disposição de vir aqui para conversar com a gente e falar sobre a torcida. Acho que foi muito esclarecedor, a gente quer manter o contato com você e, trocar figurinha também, quem puder ajudar em relação às torcidas a gente vai estar aberto, está bom? Te agradecer, a equipe aqui de pesquisadores que vieram e também à Vanessa e o Bernardo, bom, muito obrigado.

L.G. - Podemos. Quem agradeço sou eu, pela oportunidade. Lógico. Obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]